

M. E. PEREIRA

COM

OFFICINA DE ENCADERNADOR

148, Rua de S. Marçal, 148

LISBOA

~~Sala A~~

~~Est. 13~~

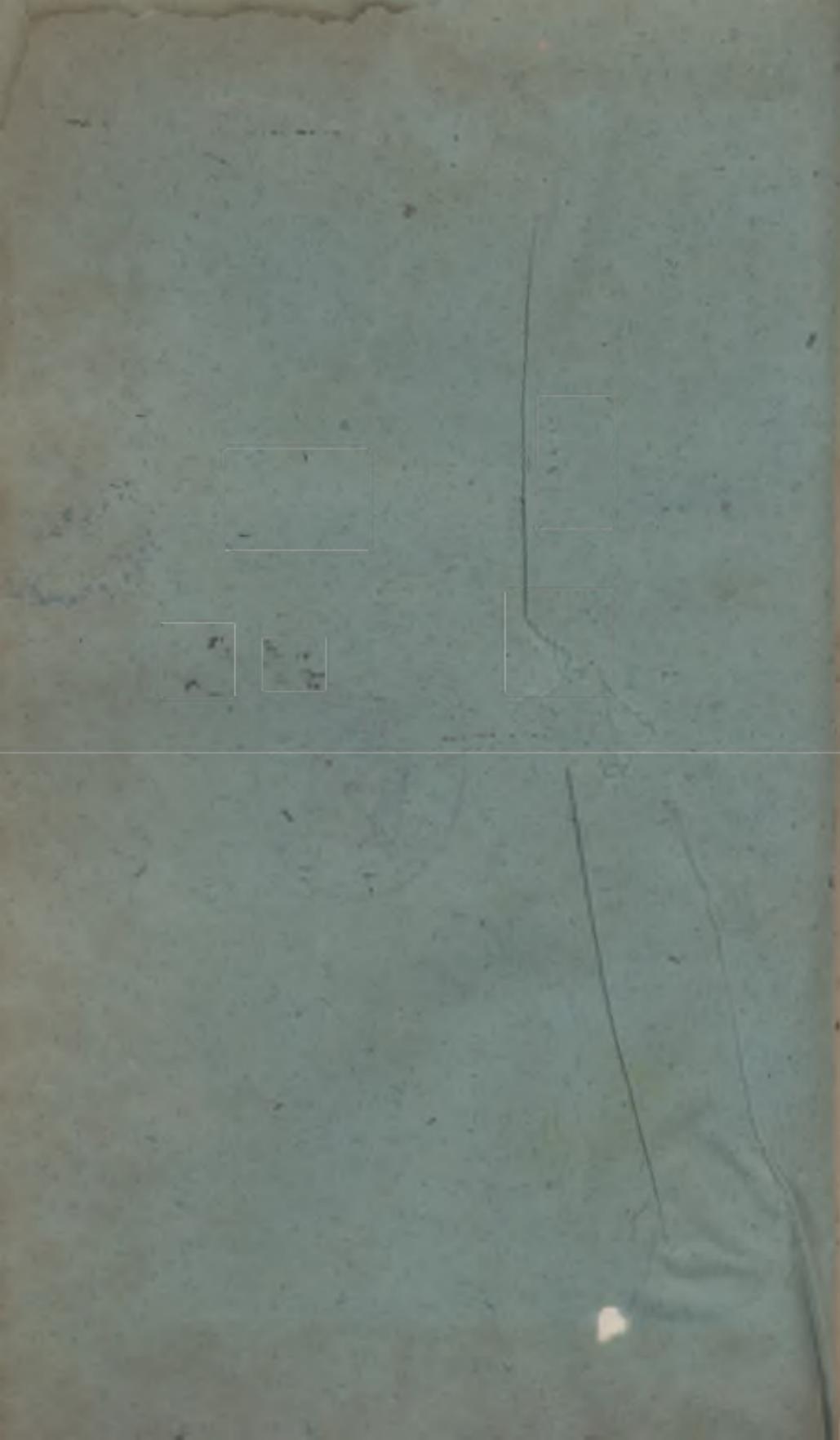
~~Tab. 1~~

~~N.º 45~~

~~46~~



1761 - N. O. 945



INV.- N.º 2683
O LIVRO N.º 96

DO

OPERARIO

POR

J. DAUBY

Este livro alcançou ao auctor uma medalha de honra na exposição
de economia domestica de Bruxellas em 1856



CENTRO DIRECTO
HOMILOGO DE CALADURES

196
460-N.º
945
945

Traduzido da 3ª edição



AC
MNCT
33
DAU

BRUXELLAS

TYPOGRAPHIA DE E. GUYOT

42, RUA PACHECO, 42

1872



PROLOGO DO AUCTOR

Apesar dos consideraveis progressos realisados na condição economica das classes operarias, pode dizer-se que as transformações da industria, como a carestia crescente das subsistencias, têm occasionado a essas classes grandes soffrimentos e sensiveis privações.

Ha alguns annos, sobretudo, que tal estado de circumstancias despertou a attenção de homens eminentes. Em presença da insufficiencia das tentativas individuaes, resolveram associar os seus conhecimentos, a sua experiencia, e o seu desvelo, pela instituição permanente de congressos de

beneficencia, que teriam por fim essencial estudar todos os meios conducentes ao melhoramento da situação material e moral das classes laboriosas.

Foi por occasião do primeiro d'estes congressos, effectuado em Bruxellas em 1856, e a que os fundadores juntaram uma exposição de economia domestica, onde se reuniram a maior parte dos objectos de uso especial das classes manufactureras, que me occorreu a idéa de escrever este livrinho, que alcança hoje a honra de terceira edição.

O acolhimento favoravel, com que foi recebido por grande numero dos meus collegas, impoz-me o dever de supprir-lhe algumas deficiencias, de retoca-lo, de o tornar emfim mais util, para que não fosse consultado sem beneficio.

Não deve o operario ficar alheio aos esforços geralmente empenhados em melhorar a sua posição no presente e no futuro. Convem-lhe, pelo contrario, trabalhar energicamente, por si mesmo, para o

seu aperfeiçoamento, caminhando sempre na estrada do dever, a unica que pode conduzi-lo ao bem estar, alvo das suas mais ardentes aspirações.

Confiâmos que o nosso livrinho ha de ser o amigo do lar do obreiro, um laço mais para a familia, o ensino mutuo entre pae e filho, o appendice á escola primaria, e o corollario das bibliothecas que as administrações communaes organisam em proveito do povo. O seu intuito é semear nos reconditos da alma do artista a instrucção, e com ella a moral, a benevolencia, a fraternidade, o horror da preguiça, da taberna, da devassidão; o amor da familia, da patria, e aquelle que os comprehende todos : o amor de Deus!

I

Do trabalho, da sua utilidade e importancia

Se para o homem, considerado na accepção mais generica, é o trabalho uma necessidade, para o operario torna-se, porque assim o digamos, um dever imperioso, mas tanto mais suave de cumprir quanto é inherente á sua propria existencia.

Um sabio disse que o coração do homem applicado não divaga nunca em desejos criminosos. Esta bella maxima, alem de consoladora, revela tambem a utilidade do trabalho sob o aspecto da perfeição moral da humanidade.

O trabalho tudo abrange no mundo; sem o trabalho nada existiria. Utilizando os beneficios do Creador, promove a producção, a riqueza, e em seguida a prosperidade. Sem o

trabalho, que regula o preço dos objectos, seria apenas o capital um valor inerte. Foi associando-se a elle que creou a industria, e produziu as maravilhas em que tanto se elevam os nossos olhos; foi por elle que a familia e a propriedade foram estabelecidas, e é ainda elle que as mantem em todas as alternativas.

O trabalho é o signal irrefragavel da moralidade, da honradez, da coragem e das nobres virtudes de que somos susceptiveis. São numerosas as suas faculdades, infinita a sua acção, incalculaveis os resultados. Entre estes sobresaé o que assegura a independencia aos seus adeptos. O homem ama naturalmente a liberdade; mas a mais bella e solida das liberdades, a que o artista deve desejar e possuir por privilegio, é a que consiste em poder viver pelo seu braço, pela sua industria e intelligencia, no gremio da familia, de que constitue a alegria e felicidade, tendo o animo tranquillo, e estando ao abrigo de privações, que derivam muitas vezes de desleixo e imprevidencia. Só o trabalho póde proporcionar esta existencia independente. Do mesmo modo offerece, como bem precioso, aquelle contentamento sem par que o homem honrado experimenta quando, ao terminar da lida, contempla e admira a obra, com a con-

sciencia de haver cumprido o seu dever.

É igualmente o trabalho um meio de melhoramento physico e perfeição moral, porque impede o operario de entregar-se a costumes funestos e ruinosos, impelle-o á meditação, ensina-lhe a amar o proximo, modifica-lhe o character, eleva-lhe os sentimentos e ennobrece-lhe o espirito; é o trabalho emfim que conduz á igualdade mais accetavel, a que resulta do livre exercicio das faculdades e forças individuaes.

Pòde dizer-se, com justa razão, que o amor ao trabalho é o titulo de nobreza do artista. Preclara nobreza, sem duvida, porque não precisa de antepassados para se confirmar.

Nem sempre o trabalho foi considerado. Em tempos, que felizmente já lá vão, exercer misteres servis equivalia a rebaixar-se. Similhante desconhecimento da grandeza e importancia das industrias deu em resultado a morte miseravel da sociedade antiga. O christianismo foi pouco a pouco transformando a idéa servil que se formava ácerca do trabalho, glorificou-o, e adquiriu-lhe a estima e influencia a que havia direito. O regimen actual, o melhor para o operario, decuplicou a riqueza publica, e elevou o nivel physico, intellectual e moral de numerosas classes, o que indica a tendencia fecunda e poderosa que progride

consideravelmente todos os dias, e que justifica a esperança de melhor futuro para todos.

É presentemente o trabalho um poder com que os magnates devem contar. Exaltam-o de extremo a extremo do universo, porque sentem que sem elle nada vale, que com elle tudo é possível, e tudo se consegue.

Artistas, amae o trabalho, porque o trabalho é a liberdade. applicae as forças á vossa profissão, porque não só vos garante a vida, senão tambem o suave regosijo da independencia, supremo bem que, depois de Deus, devemos estimar de preferencia. A posição do artista encerra em si mesma o decoro e a segurança. Podem roubar a fortuna ao rico, mas o operario nunca é assaltado do receio que lhe arrebatem o proprio merito, e lembra-se que, precisando do abastado que o emprega, muito mais este precisa das suas manufacturas.

Convem todavia que o artista, pelo comportamento e pela actividade, justifique as sympathias a que tem direito; cumpre que repilla vicios muito arreigados ainda, como a intemperança, desordem e grosseria; importa que comprehenda o que vale como membro de uma commuidade e contribuindo para o bem estar geral, separado do seu proprio, mas que tambem tem um valor pessoal, um

valor como individuo. Sem trahir o preceito de ser prestavel, o obreiro deve distinguir-se do escravo, não se envilecendo, nem imbotando a intelligencia; cumpre a lei do trabalho em favor commum, respeitando-se, seguindo as regras da justiça e bemquerença, e mantendo a liberdade de vontade e pensamento de que carece para aperfeiçoar-se. A dignidade individual, que não lhe provém do nascimento, nem da fortuna, nem da apparencia, ha de proceder-lhe da força indestructivel da sua alma, da energia e perseverança em bem comportar-se.

Depois d'esta rapida demonstração da utilidade e dignidade do trabalho, releva, meus amigos, fallar-vos um pouco do seu valor.

Quando o trabalho, feito n'um certo tempo, tira o valor da habilidade e dos esforços do espirito, este valor póde augmentar consideravelmente. Não succede o mesmo com o trabalho, cujo valor provém dos esforços corporaes. Daremos um exemplo, para melhor intelligencia. Um trabalhador, que ganha a vida a abrir difficilmente um fosso, não enriqueceria se conseguisse cavar alguns metros mais durante o dia, e talvez, pelo contrario, ficasse prejudicado pela demasiada fadiga. O tecelão da nossa Flandres actual, que trabalha quatorze a quinze horas por dia, custa-lhe

muito a viver, e ser-lhe-ia impossível, pelo menos com permanencia, trabalhar dezoito horas para ganhar mais um terço.

Perguntar-se-ha, e com fundamento, como poderão os operarios melhorar a sua sorte, se é tão difficil consegui-lo pelo trabalho. Responderemos que só hão de realisa-lo, tornando-se habéis na sua profissão.

Muitos artistas não chegaram a ser distinctos, e a sustentar com decencia a familia, limitando-se a augmentar as horas de trabalho; mas sobresaíram pelo estudo e exercicio da intelligencia, pela instrucção adquirida, e demonstração pratica das suas habilitações. Executam por isso trabalhos difficeis e são melhor remunerados. Por tal aptidão produzem mais, no mesmo tempo, com perfeição e facilidade. Adquirir habilitações e perseverança é portanto condição essencial n'uma profissão. Obtêm-se na mocidade, quando as faculdades são activas e energicas, quando os grandes esforços não afadigam. Os mancebos devem pois empenhar-se em alcança-las, a fim de mais tarde estarem habilitados a trabalhar com menos custo e mais expedição, porque se executa sempre desembaraçadamente o que se tem por costume fazer, e sabe fazer-se com perfeição.

Verdade é que ha artistas que têm recur-

sos naturaes para se tornarem mais habeis do que outros, e nem todos podem attingir a mesma aptidão; faça todavia cada qual por não ser o ultimo no seu mister. Hoje que o governo, as administrações communaes, e até os patrões e generosos particulares, põem a instrucção ao alcance de todos, não ha já desculpa para ninguem. A instrucção, porém, só se adquire com muito afan; precisa de attenções e esforços, e o maior numero de pessoas não é d'elles susceptivel. É muito mais facil, par exemplo, cavar, ou carregar com o coche de cal, do que dar tratos á imaginação para calcular a quantidade de terra que é necessario extrahir para formar uma estrada n'algun local, ou como importa operar para construir convenientemente um edificio. Todavia, o servente de pedreiro custa-lhe a comprehender por que o operario feito ganhe o duplo ou o triplo da sua feria!

Vem a pello lembrar uma anecdota.

Um cavador tinha inveja de um conductor de trabalhos receber grande salario, que ganhava, dizia elle, sem muito incommodo, Chegando isto aos ouvidos do empregado, chamou de parte o cavador e offereceu-lhe parte do ordenado, com a condição porém de ajuda-lo no trabalho. Julgando a cousa facil o cavador acceitou logo.

O conductor levou-o a sua casa, e collocou-o diante da mesa, em que estava quanto é necessario para escrever.

« Como tenho algumas voltas a dar, lhe disse, faça favor, entretanto, de calcular quantos metros de terra deveremos desentulhar para a junção das duas estradas, o que custará esta obra, e quantos obreiros será preciso empregar para termina-la em quinze dias... »

O cavador ficou sem saber o que devia reponder.

« Bem sabe, redarguiu emfim, que não sei de contas e como quer então que lhe diga isso ! »

« Mas então não combinámos que me ajudaria no projecto ? »

« Sem duvida, mas eu julguei, que era só estar a olhar para os que trabalham,.. »

« Tambem pôde ser. Encarregue se pois de ir postar-se na estrada, e ao largar do trabalho dir-me-ha exactamente o quanto terá feito cada operario. »

Não é possivel, senhor! tornou o cavador. São pelo menos trezentos espalhados em mais de uma legua de extensão. Em quanto estiver examinando um não posso ver o que o outro faz ! »

« Comtudo, meu amigo, é sempre essa a

minha tarefa, e cumpre-me desempenha-la bem ! »

« Lá assim é que não fazemos nada... »

« Então, quer ou não quer ter parte no meu ordenado? »

« Não, senhor, conheço agora que o não merecia ! » respondeu o cavador.

E eis porque, meus amigos, o conductor de trabalhos ganha mais que o simples trabalhador.

II

Da escolha de profissão

Os principios que devem guiar-nos na escolha discreta de uma profissão são mais numerosos do que geralmente se julga, porque esta escolha subordina-se á posição mais ou menos abastada da familia a que se pertence, e á situação da industria a que nos desejarmos votar, em consequencia das vicissitudes provaveis para o futuro. Constitue esta escolha um acto importante na existencia do operario; portanto nunca serão demasiados os cuidados e solitudine que n'ella empregarem os paes de familias.

Em regra, é prudente não escolher profissão sem recorrer primeiro aos conselhos de pessoas competentes, e, uma vez escolhida, não mudar subitamente sem motivos peremptorios. « Seguir uma carreira que melhor suppra ás necessidades da familia, e preferir a mais respeitavel, disse um auctor meritissimo (1), é acto de intelligencia recta e sensata; mas emprehender mais do que se pôde é imprudencia e falta, cujas consequencias compromettem sempre o porvir. »

Corremos muitas vezes riscos em nos enganarmos, consultando o que se chama a *vocação* da creança para a escolha da profissão, porque o que se julga vocação decidida não é ordinariamente senão desejo e phantasia, que succumbem ás primeiras experiencias do apprendizado. Sem desprezar absolutamente a tendencia e o gosto da creança para tal ou qual mister, será bom attender de preferencia aos dictames da prudencia. Em geral o filho de operario vae para o officio em idade muito tenra, e não pôde por isso haver grande discernimento.

Não acontece o mesmo com a *aptidão*, isto é, com a disposição natural das creanças a executarem antes uma cousa do que outra.

(1) Mr. Julio Labaumé, *Devoirs privés et sociaux*.

Um bom pae deve observar discretamente a capacidade do filho, e calcular por ella as conveniencias ou inconveniencias que apresenta cada uma das diversas profissões por que tem de optar. Quando haja maduramente feito a escolha, empregue todos os meios para dirigir por este lado a inclinação do filho, e para que elle encare o trabalho não sómente como necessidade indispensavel á existencia, mas igualmente como bem real e verdadeiro prazer.

A consideração que particularmente determina a escolha de uma carreira é sem duvida a do proprio futuro dos mancebos. Infelizmente nem sempre assim acontece. Os paes, ponderando só as necessidades do momento, sacrificam geralmente o futuro ao proveito immediato que podem tirar do filho; do que se segue haver tantos homens que não têm nenhuma industria real e capaz de lhe garantir a sustentação de modo honroso e permanente. Quaesquer que sejam por consequencia as vantagens momentaneas que offerece tal ou qual officio, o operario andará cordatamente preferindo-lhes garantias certas de occupação para quando o filho chegar a homem, e n'este sentido nada poupará para a sua instrucção, porque, tornâmo-lo a repetir, a instrucção é indispensavel a todas as profis-

sões. Em todas as artes, quanto mais instruído for um operario, tanto mais habil se tornará.

Nunca se sabe demasiado, jamais a intelligencia está assás desenvolvida, por modesta que seja em apparencia a profissão que se exerça, sem exceptuar até os officios puramente manuaes. Confirmam numerosos exemplos que chega sempre um momento em que a falta de instrucção se levanta como principal obstaculo ao adiantamento do artista, e por consequencia ao beneficio material da sua posição. Estes exemplos dispensam-nos de insistir n'esta materia. O primeiro dever dos paes, qualquer que seja o mister a que de antemão destinem os filhos, é facultar-lhes portanto solido ensino. Com o grande numero de escolas gratuitas, que hoje ha, os chefes de familia não devem attribuir senão ao seu culposo desleixo a ignorancia de muitas creanças.

Releva todavia não cair no excesso contrario. Sabemos que a ambição dos paes motiva por vezes infortunios. Imaginando prodigios nos filhos, miram mais alto do que deveriam, e não ponderam que tal arte ou industria exige meios que ultrapassam a sua modesta esphera. Infelizmente não dão pelo erro senão quando o filho já vae em meio caminho. Obrigados a reconhecer o

engano, fica ferida a vaidade do filho, e esta circumstancia o torna quasi sempre incapaz da direcção mais humilde e pratica que lhe queiram dar; descáe em mau artista, descontente de si e dos outros, e acaba por constituirse fardo pesado, e commummente um perigo para a sociedade.

Instâmos n'este ponto. Antes de decidirem a profissão, pesem bem as consequencias de acto tão grave para paes e filhos. Lembrem-se de que Deus, confiando-lhes o deposito precioso da familia, impoz-lhes a obrigação moral de velar por ella com perseverante solícitude, e de nada omittir para educar os filhos como homens honrados e verdadeiramente laboriosos.

Nem todos os officios são, de certo, igualmente uteis; mas podem, pelo menos, ser exercidos decorosamente. O adagio popular: « Officio não é ruim, se ruim não é o dono », nem sempre tem visos de verdadeiro. Effectivamente ha officios ruins; são os que não proporcionam remuneração condigna dos esforços empregados, offerecendo duvidoso interesse para o bem estar commum; são-o tambem os que excedem os recursos do trabalhador, a fim de adquirir os conhecimentos indispensaveis para exerce-los com fructo e completar o apprendizado.

Em principio, é cordato proseguir, sendo possível, a profissão paterna. Nada ha que iguale o desvelo com que o pae transmite o ensino á prole. Pelo conselho e exemplo, o filho encontra, de algum modo, a senda desbravada para o seu estabelecimento. Vindo, por sua vez, a servir de auxilio ao pae, prepara-se a substitui-lo na sua falta. Os laços familiares fortificam-se em lugar de se quebrarem, como se vê todos os dias. O aprendiz trabalha sob a direcção paternal. Quando a morte rouba o progenitor, a familia adquire chefe, guia e amparo no aprendiz arvorado em official.

Estas considerações são assás convenientes, e devem attender-se nos casos em que o officio paterno apresente probabilidades favoraveis ao futuro dos filhos. Melhor se comprehenderá a sua importancia se se pensar nos innumerados embaraços que a maioria dos operarios suscita aos aprendizes que lhes entregam, e nos quaes vêem futuros concorrentes.

Importa, sem embargo, ponderar bem a resolução que se seguir n'esta hypothese. Se um pae tiver muitos filhos, e se o officio não offerecer bastantes garantias para occupa-los com proveito para si e para elles, não deverá hesitar em escolher-lhes differente profissão.

Os motivos que determinam a selecção judiciousa de um estado são aliás subordinados a muitas circumstancias de tempo, de local, posição, e até de oportunidade, e não se pôde expor, para cada caso particular, outras regras alem das mencionadas n'este rapido esboço. Convençâmo-nos. O ponto essencial consiste em lembrar que o futuro dos chefes de familia está ligado intimamente á direcção que devem dar aos filhos. Desvelem-se portanto em prepara-los para serem homens verdadeiramente prestaveis e activos, e em educar as donzellas para esposas de operarios capazes de transmittir igualmente á sua descendencia os bons principios, que lhes asseguram a dignidade e bem estar na humilde condição em que a Providencia os collocou.

Todos os empregos, porém, exigem estima constante e espontanea, sympathia que se una sempre com o dever; é o meio seguro de ser feliz em todos os estados e de n'elles sobresair em tudo. Haja cuidado, bom gosto e applicação no que se executar. Obter-se-ha então aquelle comprimento tão agradavel como honroso: — « Eis-aqui um habil artista! »

Antes de terminarmos o capitulo, analysaremos a resolução que tomam certas categorias de officiaes de não admittirem apren-

dizes na sua profissão, ou, pelo menos, pessoas a ella estranhas.

Sem fallar da illegalidade de tal deliberação, que não resiste á simples analyse, e encarando-a pelo lado moral, em breve nos convencemos que é absolutamente desprovida de bom senso e contraria ao espirito de liberdade, sem o qual não ha sociedade possível. Alem de egoismo, prova tambem opposição aos verdadeiros interesses dos mesmos operarios. De feito, quando de ordinario tomam similhante decisão, allegam augmento de braços; porém este augmento póde dar-se nas outras industrias. Se, movidos pelas mesmas rasões, os individuos d'ellas usarem de represalias, que succederá aos filhos dos que tiverem dado o primeiro exemplo d'este systema de exclusão? Poderiam porventura invocar em seu favor a liberdade que recusam aos demais, e, condemnando ao ostracismo os seus irmãos de trabalho, não se condemnariam de alguma maneira a si proprios? Não se póde, com effeito, desconhecer sem perigo os laços de intima solidariedade que ligam rigorosamente os membros da classe operaria. Violar esta solidariedade, tentar o encerramento, por assim dizer, de cada profissão no seu circulo necessariamente limitado, seria promover funestas conse-

quencias. Supponhamos uma officina de dez operarios. N'este numero ha pelo menos cinco que são casados, tendo cada um, termo medio, tres filhos, o que dá a totalidade de quinze trabalhadores que virão a quinhoar o trabalho já insufficiente para occupar os dez primeiros. Acaso avaliar-se-hão bem as consequencias d'esta situação, e comprehender-se-hão devidamente as lutas e os soffrimentos que ella póde originar?

Acreditem; não faltará occasião em que as profissões attinjam o maximo desenvolvimento, e excedam as necessidades presentes. Será então preciso que se transformem ou diminuam os seus productos, apesar dos esforços que empregarem para retardar essa crise suprema. A força ou a corrente dos acontecimentos conduzirá inevitavelmente a esse resultado; entretanto o operario não precisa concorrer para elle, nem precipita-lo creando obstaculos, de que poderá ser talvez a primeira victima.

III

Da escolha de officina

Sob o aspecto dos interesses materiaes e moraes, a officina póde ser considerada pelo

operario como segundo lar domestico. Para logo se comprehende a alta importancia que tem para elle uma boa escolha. É na officina que o obreiro passa a maior parte da vida, e ahi recebe todas as suas impressões; a influencia moral da officina (sabem o que entendemos por esta palavra) impera nos seus actos, e pela sua disciplina melhora o porte do homem naturalmente perverso, ou dado a maus costumes, emquanto a ruim fabrica seduz e corrõme o operario até então honesto e laborioso.

Verdade é que a situação da industria e as fluctuações do trabalho nem sempre permitem escolher esta ou aquella officina. Aceita-se ás vezes o que se encontra, e dão-se ainda graças a Deus quando o ensejo se não faz esperar muito. Esta posição todavia, com raras excepções, é apenas transitoria, quer dizer, não se dilata por largo tempo. O operario comedido e habil consegue quasi sempre collocar-se em casa conveniente, porque os bons collegas procuram-se, e os donos, profundamente cuidadosos dos seus interesses, sabem por tal respeito aprecia-los, e separar tambem a boa semente do joio, expulsando os individuos que são causa de maus exemplos.

Evidentemente a officina é para trabalhar,

e não para discutir ou beber. Tratem pois, quanto possível, de achar admissão n'um estabelecimento onde reine severa disciplina para tudo quanto respeita á commodidade dos artistas, e optima execução da obra, e onde, salvo á refeição, sejam proscriptas as bebidas espirituosas. Fugir das casas onde ellas se toleram; evitar principalmente as que têm por costume folgar á segunda feira. Não dar ouvidos a companheiros que aconselham o contrario, que tentam com o exemplo, arrastam insensivelmente para a miseria, e arrebatam assim o bom conceito. Guardar-se das censuras do chefe em nome dos proprietarios. Eis os meios proficuos de sustentar a vossa dignidade aos olhos dos que pareçam desconhece-la.

Muita folga durante o trabalho prejudica o artista mais do que suppõe; contrahe facilmente costumes desregrados, que lhe custa depois a largar. Descurando o puro goso e o real interesse, julga triumphar quando introduz furtivamente na officina, ou fabrica, botijas de cerveja ou garrafas de genebra, cuja importancia, em muitas casas, forneceria pão á familia ou amortisaria alguns debitos.

Se desgraçadamente ha ainda estabelecimentos onde se perpetua o deploravel uso

das *patentes*, dos *anniversarios*, e mórmente das *multas* destinadas ás libações, não póde desconhecer-se que seu numero diminue de dia para dia, e um dos factos significativos do melhoramento moral das classes laboriosas na Belgica é, sem duvida, o da abolição quasi geral nas profissões dos *direitos*, tão odiosos como arbitrarios, de *primeira feria de official*, de *camaradagem*, de *semi-camaradagem*, etc. O pagamento d'estes pretendidos impostos, que se elevavam a 3 D 000 a 4 D 000 réis em grande numero de officios, dava quasi sempre occasião a lastimosos excessos. Como derradeiro vestigio das antigas corporações mechanicas, esta pratica atravessára o turbilhão das revoluções politicas e industriaes sem enfraquecer sensivelmente. Cede hoje pouco a pouco ante o bom senso do artista, que comprehende emfim quanto é opposta aos seus interesses materiaes e moraes. Compete aos proprietarios sobretudo proscreve-la ou transforma-la definitivamente, porque o operario não tem ás vezes a coragem de se subtrahir a ella sem estar exposto á malquerença e aos sarcasmos de alguns companheiros que, se resiste, lhe suscitam embaraços na execução da obra e intrigam até para o despedirem. É preciso realmente haver passado por esta fieira para

compreender o que ha de odioso no comportamento dos operarios, que exigem o pagamento da patente, ou do pretendido imposto, a um desgraçado sem ter que fazer ás vezes semanas a fio, e cuja familia está reduzida à ultima miseria. Tivemos oportunidade de notar que os mesmos operarios de animo generoso em qualquer outra conjunctura, e de dedicação fraternal experimentada, eram inexoraveis a este respeito; tanto este costume entre elles se enraizára profundamente!

A consciencia revolta-se com estas exacções, e seu lastimoso uso, que não aproveitam realmente a ninguem, e tão grande prejuizo causam ao contribuinte. Consideremos. O operario admittido ha de tirar a importancia da patente da feria da primeira semana ou quinzena, isto é, da que lhe sáe mais desfavoravel, por não estar familiarisado com o estylo da nova officina, e pela mudança de estabelecimento occasionar-lhe perda de tempo ás vezes consideravel, havendo entretanto contrahido dividas, que debalde espera pagar com o producto do primeiro trabalho.

Não fallaremos das *partidas* a que dão logar as patentes, nem dos interminaveis *reconhecimentos* que d'ellas resultam; sabem d'isso bem os amestrados. São origem

de *brodios*, em que perdem ao mesmo tempo dias, saude, dinheiro, e por acaso o lugar.

Possa esta breve exposição esclarecer a maioria dos collegas, e convence-los das tristissimas consequencias de um costume, cuja reforma completa, ou pelo menos transformação, os seus interesses preciosos imperiosamente reclamam.

A transformação poderia effectuar-se de diversos modos, segundo a natureza dos estabelecimentos e dos serviços n'elles organisados. Sondemos um momento a seguinte, que encontraria facil applicação, e seria incontestavelmente a mais fecunda em bons resultados.

Como logo veremos, grande numero de associações de soccorro mutuo fundam-se agora na Belgica em grande parte das artes mechanicas, com o fim de soccorrerem os seus membros nas enfermidades, prisões, etc. Depende só dos artistas associarem-se n'ellas, no caso de reunirem as condições exigidas. Ha outro genero social que faz, por assim dizer, completamente falta; são as associações para obviar á folga resultante da escassez do trabalho, chaga quasi sem remedio para innumeraveis industrias, e que produz effeitos pelo menos tão desastrosos como as doencas para a classe operaria. A falta de

sociedades d'esta natureza explica-se pelas difficuldades de organisação e administração, pela impossibilidade que haveria, não trabalhando o artista no mesmo estabelecimento, de averiguar se a paragem é realmente o resultado da ausencia de encomendas, ou se deve attribuir-se á preguiça e a outros vicios. Mas a difficuldade de administração de uma sociedade, que comprehenda os trabalhadores de certo numero de estabelecimentos diversos, desapareceria, sem duvida, se applicassem o principio a cada officina em particular. Supponhamos que os operarios de um estabelecimento se impõem cada semana uma pequena quotisação (por exemplo, a importancia do que consagram aos anniversarios, reconhecimentos, etc.) para obviar aos males que para elles acarreta a paragem. Para participar dos beneficios d'esta instituição, tornada obrigatoria pelos proprietarios, os admittidos de novo na officina seriam compellidos a pagar n'um praso convencionado, sob a fórma de patente (se assim o querem), uma somma em relação com o fundo commum, e que constituiria a sua filiação á caixa. D'este modo se demudaria em instituição de incontestavel utilidade um dos costumes mais deploraveis nas suas

consequencias para a classe manufactora.

Sem insistirmos nas immensas vantagens que resultariam da creação de similhante recurso para os dias de infortunio, limitarnos-hemos a pedir a solitudine dos collegas de boa vontade para esta importante reforma, e para as uteis e numerosas applicações de que é susceptivel.

IV

Da entrada e do comportamento na officina

Depois da admissão na officina ou fabrica informe-se o artista da ordem dos trabalhos, das horas de entrada e saída, dos intervallos de descanso, e principalmente do systema de trabalho, para que promptamente se lhe conforme. Se houver regulamento interno, trate de consulta-lo com attenção, e dedique-se a cumprir rigorosamente as suas prescrições. Em seguida empenhe-se em conhecer os locais onde se collocam os objectos de que ha de precisar para a execução das manufacturas. Estes pontos, bem que elementares e communs, nem sempre são observados. Acontece

que alguns operarios, alias idoneos, dão assim fraca idéa dos seus rudimentos artísticos, em consequencia das hesitações inherentes á observancia d'esses mesmos principios. Examinando o methodo de trabalhar dos seus collegas, o artista diligenciará executar bem e depressa os trabalhos que lhe confiarem. Não esqueça que o julgam ordinariamente pelas primeiras obras, que servem, em muitos estabelecimentos, para determinar a taxa do seu salario, e que difficilmente destruirá o mau effeito que produzir a primeira impressão. Por mais que tente rehabilitar-se aos olhos dos chefes prevenidos em seu desfavor, mui raro o conseguirá, porque a má estreia os induz a esmerilhar-lhe defeitos artísticos, que de outro modo passariam despercebidos.

É essencial tambem regularisar logo o seu livrete. Alem das penas que a lei estabelece contra os que transgridem as suas prescripções a este respeito(1) sabe-se que só o livrete

(1) A maior parte dos artistas ignoram a que incommodos e severas penas se sujeitam por deixarem de regularisar o seu livrete. A lei de 6 de março de 1818, confirmada pela de 10 de novembro de 1845, ácerca dos livretes dos artistas, commina uma multa de 10 a 100 florins e até prisão de um a quatorze dias contra as infrações desta



offerece ao dono a garantia certa de que o official admittido em sua casa é realmente digno de ser empregado, e que está quite satisfactoriamente com o seu anterior proprietario; o livrete constitue a verdadeira salvaguarda dos seus direitos respectivos, uma folha corrida e uma especie de carta de credito, no sentido de poder o operario, quando adoeça, mediante o livrete, alcançar quantias adiantadas do seu proprietario.

Outro ponto digno de attenção é a natureza das relações quotidianas com os superiores, iguaes e inferiores. Parecia ser escusado recommendar aqui a polidez para com todos, consignar que tudo se adquire pela delicadeza e probidade, e que tudo se perde pelo procedimento grosseiro, ainda que seja com inferiores. Infelizmente a boa educação, que se suppõe já recebida no gremio fami-

ponto, e segundo o seu character de gravidade. Muitos proprietarios desconhecem a disposição da lei de 22 do germinal do anno XI, que nos rege ainda, e pela qual nenhum individuo, que empregue operarios, póde receber um aprendiz sem clausula de quitação, sob pena de indemnisar o mestre de perdas e damnos, nem, sob as mesmas penas, receber official que não apresente o livrete com a declaração de haver ficado quite com o proprietario, de cuja officina acaba de sair. N'este assumpto toda a cautela é pouca de parte a parte.

liar, nem sempre é praticada pela maioria dos jornaleiros, e d'esta falta deriva o segredo dos odios que suscitam entre os companheiros, odios que nada justifica em apparencia, mas que nem por isso são menos activos. A causa d'estes desregramentos cifra-se na ausencia do ensino moral entre certas categorias de operarios, e no pouco ou nenhum cuidado que têm de ponderarem o alcance das suas acções e palavras. O centro em que vivem, e sobretudo a tolerancia, ou antes o desleixo, de muitos mestres tambem para isso concorrem bastante. Seria para desejar que os donos prohibissem nas officinas, par meio de regulamentos severos, os improperios que desconsideram quem os permite, ao mesmo tempo que são de pessimo exemplo para os demais artistas, principalmente para os rapazes, que os aprendem e reproduzem mais depressa que os rudimentos da sua profissão. Os vituperios e as intrigas exercem, alem do exposto, desfavoravel influencia no andamento dos trabalhos, provocam infinitas discussões, indis põem os artistas entre si, e excitam por vezes conflictos violentos e deploraveis.

O respeito não exclue firmeza e equidade; considera-se pelo contrario o poderoso auxiliar do bom direito. Em objecto de serviço,

caso na propria patria! E quando soa a hora do regresso, que alegria! que balsamo para o coração, e para os milhares de affectos que encerra!

As nossas obrigações para com o paiz, que ao primeiro aspecto parecem assás complexas, reduzem-se comtudo a uma só : ama-lo muito. Fazem-se todos os sacrificios pelo que se estima verdadeiramente.

Nasceu o homem para viver em sociedade. Ora a sociedade não pôde existir sem um governo qualquer, assim como a officina não poderia subsistir sem uma direcção ou um mestre, e a familia não se manteria sem um chefe.

Ha tres fórmãs principaes de governo, que são : 1.^a, a *monarchia absoluta*, isto é, o exercicio de todos os poderes por um só ; 2.^a, a *republica*, isto é, a direcção dos negocios do estado por todos, ou antes por alguns que se appellidam os representantes de todos; 3.^a, a *monarchia constitucional*, que participa de uma e outra das fórmãs precedentes. Esta ultima, reunindo as vantagens sem apresentar os inconvenientes das outras duas, foi sabiamente adoptada pela nossa patria.

Nem por um instante se pôde pôr em duvida a indispensavel utilidade de um go-

verno. Quando nos maltratam ou roubam, quando nos calumniam ou atacam os nossos direitos, quando nos despojam dos nossos bens, a quem poderíamos dirigir-nos, em nossa angustia, para obter reparação do damno que nos causaram? Ora, sem governo, isto é, sem auctoridade, não haveria justiça, nem protecção, nem leis possiveis.

Estando assim reconhecida a incontestavel necessidade de um governo para reger os homens, em que condições poderá subsistir?

Para nos proteger, para nos garantir completa segurança, para salvaguardar a nossa honra e fortuna, para prestar-nos emfim a justiça que nos é devida, requer :

1.º O respeito e a obediencia. — O ascendente da sua força e auctoridade lh'os facultta.

2.º A força. — Nos seus agentes e soldados a encontra.

3.º O poder. — Nós lh'o offerecemos pelos suffragios ou pela acquiescencia á ordem de cousas estabelecida.

4.º Os meios. — Recebe-os dos tributos e das contribuições que impõe, e que correspondem aos serviços que devolve.

Estas quatro condições, indispensaveis á existencia do estado, comprehendem ao mes-

tando a inveja, sem proveito para si, cria implacaveis inimigos, que hão de espreitar a primeira occasião em que erre, para se rirem e motejarem; porque emfim, na verdade, a summa perfeição só em Deus reside. Tratando, pelo contrario, e sem vaidade, de guiar os companheiros no trabalho, esclarecelos nas duvidas, e ajuda-los até n'algumas difficuldades ou urgencias, ha de attrahir-lhes a gratidão, bem como o reparo do chefe, que lisonjeado por tanto zêlo não deixará no primeiro ensejo de mostrar-se agradecido.

É particularmente para os admittidos de novo na officina que importa não regatear os conselhos e indicações da experiencia. Em regra, acontece serem mal recebidos, porque vem participar de um trabalho ás vezes insufficiente para occupar os antigos de modo permanente, obstem a certas esperanças de adiantamento, e assim provocam rivalidades. Estender-lhes então a dextra amiga é de animo generoso, evitando que lhes suscitem difficuldades, e que procurem, por todos os meios possiveis, obriga-los a evacuar a praça. Fomos por vezes testemunhas d'estes pequenos actos de tyrannia, que escapam á repressão, d'essa opposição occulta e porfiada, ante a qual vem extinguir-se louvaveis esforços, e só de perto se poderá compre-

hender quanto tudo isto é odioso. Os que meditem que talvez no dia seguinte a falta de trabalho, um obstaculo imprevisto, um infortunio qualquer, possam compelli-los a procurar nova officina, e a achar-se na mesma situação, hão de querer que as picardias, de que foram cúmplices, nem por sombras lhes sejam suscitadas. Tratem pois os collegas como amigos, como quereriam que os tratassem em similhante conjunctura; façam guerra permanente aos sentimentos egoistas e hostis que fermentam no seu coração; ficarão bem com a sua consciencia, e nem por isso receiem o prejuizo dos seus interesses particulares. Ha um antigo proverbio que diz : « Quando o sol nasce, é para todos ». Parece-nos de apropriada applicação pelo immenso sentido que encerra, sobretudo quando se lhe junte o sublime preceito, de que nunca nos compenetraremos demasiado : « Não faças aos outros o que não quizeras te fizessem a ti; faze-lhes o que quizeras que elles te fizessem ».

Ha ainda outra recommendação. Evitem escrupulosamente os effeitos deploraveis que produzem os escandalos de officina. Fica mal censurar os actos dos companheiros, e mórmente ingerir-se nos seus negocios particulares. Não é prudente tão pouco tornar-se

dades secretas, a rebelliões insensatas, cujos resultados são sempre mais funestos para elle do que para aquelles a que são oppostas; que n'um dia fazem mais victimas e desgraçados que os mesteres insalubres em dez annos !

VI

Do emprego do tempo na officina

Entre os pontos essenciaes e dignos de attenção, mas sobre que raramente reflectem, indicaremos o bom emprego do tempo.

Nem todos ponderam bem o prejuizo consideravel que resulta da tagarellice na officina, das questiunculas, dos segredinhos, que promovem interminaveis discussões, interrompem incessantemente o andamento do trabalho, e que despercebidamente se traduzem em notavel perda de tempo, de que o operario é a primeira victima. Ha poucas industrias, ainda as puramente mechanicas, que não exijam certa attenção. Logo que se entregam á conversa, distrahe-se o cuidado que demanda o trabalho, que soffre por isso mais ou menos. Alem dos erros que podem commetter, ha tambem detrimento para o mestre, se

a obra for de jornal ; mas se for de empreitada, são pelo contrario os nossos proprios interesses que se prejudicam. Dos dois lados pois ha sempre perda que, parecendo insensivel no momento, é em realidade considerabilissima. Supponhamos effectivamente que n'uma officina composta de quinze operarios, cada um desaproveita meia hora de trabalho por dia, sendo um quarto de hora de manhã, e o outro de tarde (vejam que somos moderados na avaliação). Admittindo uma media de 300 dias uteis por anno, cada operario occasiona uma perda de 150 horas, ou perto de *quinze* dias uteis no fim do anno, e na totalidade dos operarios o patrão soffre um prejuizo de 2:250 horas ou de 225 dias, o que avaliando o preço do jornal pela *minimum* de 360 réis, representa uma perda real de 81 Φ 000 réis annualmente !

Note-se que não fallámos da perda que das conversas resulta para a boa execução do trabalho. Quantas peças se não recommençam pela falta de attenção, que suscitam inevitavelmente as distracções estranhas ao trabalho ! Pomos de parte os accidentes, cujo maior numero é devido ás conversas, ou, n'outros termos, á desattenção que provocam. Ha tantos motivos, durante o dia, para interromper a obra ! Um rato que passa, uma

verdadeiro limite do direito; é o direito dos demais. O dever reside na consciencia, que nos previne quando procedemos mal; escute-mo-la, que é conselheira infallivel no homem de bem. Estas verdades têm com rasão sido erigidas em preceitos. Segui-los é obrar com acerto.

O código dos operarios e a lei moral repousam sobre elles. Por desgraça, os homens nem sempre querem comprehender que, se a sociedade impõe aos demais a obrigação de não lhes causar prejuizo, ella os obriga igualmente a não praticar qualquer acto contrario aos interesses alheios. Pois esta mutua obrigação resume toda a pratica dos direitos e deveres.

Nas relações quotidianas do operario com os seus collegas levantam-se mil contestações que raro se aplanam segundo as regras do bom senso, porque teimam reciprocamente e esquecem os proprios deveres, para se lembrarem dos direitos dos companheiros, e porque desattendem a lei de reciprocidade e de solidariedade, que deve unir todos os operarios. Hoje, se os operarios se não amam ainda igualmente entre si, é porque não estão tocados d'essa lei de reciprocidade, de que resentem todavia os beneficos effeitos, sem poderem explicar a maneira por que se

manifestam. Podem admittir-se, como desculpa, os soffrimentos que os endurecem, e as contrariedades que experimentam, que lhes não permitem a serenidade precisa para olharem alem da esphera que os cinge. Alguns obreiros qualificados de egoistas pelos companheiros são de ordinario infelizes, que cedem a exigencias imperiosas, cujo segredo não querem revelar aos olhos dos confrades. Outros, a que chamam grosseiros e brutos, são intrinsecamente uns miseraveis sem educação, que, em casa e na sociedade que frequentam, só encontram exemplos deploraveis. Cumpre arrebanhar essas ovelhas desgarradas, levantar esses entes embrutecidos, e derramar o balsamo consolador n'essas almas que soffrem. E quem melhor que seus companheiros de trabalho poderia encarregar-se d'essa missão salutar e verdadeiramente caridosa? Temos d'isto prova nos tocantes sentimentos de boa fraternidade, que caracterisam os membros de certas profissões que, auxiliando-se em vida, acompanham pezarosos o fallecido confrade até á beira da sepultura. Que contraste com os artifices de outras categorias, cuja existencia não é senão um perenne antagonismo!

Acabâmos de empregar o vocabulo *fraternidade*, de que se faz tão fastidioso abuso.

Pensem bem n'isto; estão aqui mais de quatrocentos : supponhamos que cada um perde, termo medio, uma hora cada dia por essas duas causas; vejam e calculem o damno voluntario que me fazem ! » — Mas patrão, respondeu um, nós não podemos trabalhar sempre, e alem d'isso fazemos o nosso dever ! » — « Não podem trabalhar sempre ! Então que vem fazer para a officina ? O meu procedimento anterior para com os senhores, e o meio que ainda hoje tento para os reconduzir aos sentimentos de equidade, provam quão pouco sou exigente. Trabalham doze horas por dia, e d'ellas lhes concedo tres intervallos de repouso, que reduzem, em realidade, o dia a dez horas, e acham apparentemente que é ainda muito, visto que se arrogam o direito de palestrarem durante essas dez horas. Não me digam portanto que fazem o seu dever ! Offereço desde já a cada um dos senhores um florim de gratificação por semana se quizerem abster-se de fallar em materias estranhas durante o trabalho, e entrar á hora indicada no regulamento da casa. Os senhores passam agora a eleger uma commissão de poucos membros, que será encarregada de vigiar e mencionar os que cumprirem estrictamente a condição que eu acabo de estabelecer, e em presença

da lista que a commissão formular, longe de diminuir o salario, pagarei cada semana a gratificação promettida aos que a tiverem merecido. » Assim foi feito. Com a approvaçãõ de quasi todos os seus companheiros, sòmente cincoenta operarios tiveram direito à gratificação no fim da primeira semana. Foi-lhes paga integralmente. Na semana seguinte elevou-se o numero a oitenta, e ao cabo de tres mezes o patrão pagou quasi tantos florins de gratificação quantos eram os operarios !

Depois de uma experiencia de dois annos o chefe do estabelecimento dirigiu ao ministro do commercio da Prussia um relatorio, que mencionava os factos que acima apon-támos summariamente. Ajuntou que tinha, por este meio, realisado um lucro de 3 por cento sobre o que antes da adopção d'esta providencia auferia da mão de obra dos seus operarios. A seu pedido, estes factos foram confirmados por um inquerito, que revelou a satisfação dos obreiros, por terem visto assim, sem accumulacão apparente de trabalho, augmentarem sensivelmente os negocios do seu patrão e os seus proprios por consequencia.

Factos analogos e que produziram os mesmos resultados são descriptos pelo sr. L.

Podem igualmente resumir-se em alguns preceitos geraes.

1º Para o operario :

Deve obediencia ás ordens do mestre, não sómente quando se trata da qualidade de trabalho para que foi especialmente admitido na officina, senão tambem nos casos em que as manufacturas, que lhe são commettidas, não estejam acima das suas forças e habilidade.

Deve-lhe respeito, bem como á sua familia, aos seus freguezes e ás pessoas encarregadas da vigilancia dos trabalhos que se mandam executar.

Deve-lhe trabalho consciencioso, isto é, applicar-se ha sempre á tarefa, como se os olhos do mestre estivessem constantemente cravados n'elle.

Tomará a peito os interesses do mestre como os seus proprios. N'outros termos, deve :

Empregar com a possivel economia os materiaes que lhe confiarem.

Evitar e perda desnecessaria de tempo, sobretudo quando trabalha de jornal.

Ser exacto nas horas de entrada na officina.

Não depreciar a obra que sáe de casa do mestre, quem quer que fosse o obreiro que a executasse.

Não se apropriar jamais de nenhum objecto da officina, por minimo valor que tenha, nem servir-se d'elle para uso proprio sem auctorisação.

Respeitar as providencias que o proprietario tome, a fim de assegurar a boa e prompta execução da sua empreitada.

Não deve erigir-se em censor do procedimento nem dos actos do seu patrão. Se não forem conformes á honra e probidade, não hesite em sacrificar o logar e despedir-se da officina.

Não pôde obstar ao desejo que os demais obreiros tenham de trabalhar, nem impôr a sua vontade ao dono, quer na execução da obra, quer na escolha dos operarios. Se o dono é livre de empregar quem bem lhe parecer, o artista é tambem livre individualmente de procurar trabalho n'outra parte, se não sympathisa com algum dos companheiros.

Em nenhum caso pôde o operario desconhecer a auctoridade do dono, nem, durante as horas do trabalho, ausentar-se da officina sem auctorisação.

Emfim, em todas as circumstancias andarâ com a lealdade e imparcialidade de um homem probô.

2º Compete ao patrão ou dono da officina :

dade desde que os operarios empregam menos horas, pela pontualidade inalteravel na hora da entrada, e pelo cuidado de não applicar mal o tempo no decurso do dia, conseguiram produzir tanta obra em onze horas como d'antes em doze.

« Vieram visitar-me dezeseis d'estes operarios, continua o sr. Horner; confirmaram as declarações do seu chefe, e enumeraram as immensas vantagens e a satisfação que tiravam de um trabalho que acabava uma hora mais cedo cada tarde. Citaram-me tambem este facto : quando trabalhavam doze horas, sómente vinte e sete de entre elles iam á escola nocturna : depois que reduziram o trabalho effectivo, noventa e oito, em lugar de vinte e sete, instruíram-se n'aquella escola. »

Podémos citar ainda grande numero de exemplos, para provar os admiraveis effectos que produzem a assiduidade no trabalho e a firme vontade do cumprimento do dever; bastarão porém os que precedem para arraigar o convencimento de que sempre se lucra com a applicação.

Utilisem-se instantes que não nos pertencem, embora hajamos apenas em recompensa o salario ordinario, ou alguma diminuição nas horas activas. Portando-se de outro modo, a lei moral condemna o operario; a

prova está no enleio em que fica quando é surpreendido pelos chefes a palestrar, em vez de trabalhar, isto é, a occupar-se de objecto differente da sua obrigação, ou quando chega tarde á officina, o descontentamento que experimenta contra si mesmo, e a precipitação com que entra e se dirige furtivamente para o seu logar. É a condemnação da consciencia. Convence-o de que praticou mal; o infractor sente-o, porém não o comprehende, ou antes não procura persuadir-se da sua falta. — « Ora! por alguns minutos!.. » Mas estes minutos muitas vezes repetidos produzem grande quantidade de horas; se esta quantidade abranger todos os operarios do estabelecimento, resumirá uma perda enorme para o chefe, e notem que esta perda acaba por sobrecarregar o mesmo infractor!

Fujam pois das perfidas suggestões dos que se gloriam de mandriarem, que aproveitam todas as occasiões para se distrahirem, em vez de se applicarem, sob pretexto de que é diminuto o salario que recebem. Má rasão essa para augmenta-lo. Quanto menos lucro derem ao proprietario, tanto menos os poderá recompensar, e parecerá exigente e vexador. As condições de trabalho hão de afigurar-se então insupportaveis, e d'este conflicto não podem resultar senão graves prejuizos para uns e outros.

Introduzir e manter nas officinas costumes de ordem e disciplina, e excluir os castigos sob a fôrma de multas, a menos que não se consignassem para segurança do seu estabelecimento.

Como verdadeiro serviço feito aos seus operarios, prohibir no estabelecimento o uso de bebidas alcoolicas, e mórmente a genebra.

Emfim considerar os operarios como seus proprios filhos, e não se descuidar de garantir aos mais benemeritos a maior somma de commodidades.

O cumprimento d'estas obrigações constitue, no sentido mais largo e humano, o *patrocinio*, que o chefe de industria é chamado a exercer nos trabalhadores que lhe prestam os seus serviços. É n'este sentido que elle pôde appellidar-se seu *patrão*, e justificar a bella qualificação, cujo sentido e valor não são ainda infelizmente assás comprehendidos.

Esta rapida analyse dos direitos e deveres dos mestres e operarios contém em germen a materia de largo capitulo; mas deixâmos de proposito as suas diversas applicações á sã interpretação dos nossos camaradas de officio, como aos seus patrões, que não hão de descuidar-se sem duvida de aproveitar-lhe as uteis instrucções, apropriadas a natureza de

profissão, ás suas exigencias, e circumstancias particulares, que com ella se identificam, e em que todos têm igual e valioso interesse.

Mas como esta diversidade não se applica do mesmo modo aos deveres de cidadão para com o seu paiz, considera-los-hemos mais de espaço, porque são identicamente os mesmos para com todos.

O paiz, ou antes a patria, é o solo que nos viu nascer, a terra onde jazem os nossos progenitores, onde haveremos tambem de repousar; é o objecto indescriptivel, cujo nome só faz bater o coração, e pelo qual se desampara tudo — familia, pae e mãe, amigos, posição, interesses, para voar em sua defeza quando está ameaçado, porque elle só abrange e resume todas as affeições e todos os interesses! A patria é o conjuncto das familias, uma reunião de individuos que vivem sob o mesmo governo, as mesmas leis e os mesmos costumes. Por mil annos que o homem vivesse, e percorresse o mundo inteiro, seria sempre com profundo regosijo que se recordaria do cantinho do globo onde viu despontar a aurora. Os que vão por esse mundo alem, ai! com que intimo contentamento não acolhem na terra estrangeira os compatriotas, dos quaes não teriam talvez feito

caso na propria patria! E quando soa a hora do regresso, que alegria! que balsemo para o coração, e para os milhares de affectos que encerra!

As nossas obrigações para com o paiz, que ao primeiro aspecto parecem assás complexas, reduzem-se comtudo a uma só : ama-lo muito. Fazem-se todos os sacrificios pelo que se estima verdadeiramente.

Nasceu o homem para viver em sociedade. Ora a sociedade não póde existir sem um governo qualquer, assim como a officina não poderia subsistir sem uma direcção ou um mestre, e a familia não se manteria sem um chefe.

Ha tres fórmãs principaes de governo, que são : 1.^a, a *monarchia absoluta*, isto é, o exercicio de todos os poderes por um só ; 2.^a, a *republica*, isto é, a direcção dos negocios do estado por todos, ou antes por alguns que se appellidam os representantes de todos; 3.^a, a *monarchia constitucional*, que participa de uma e outra das fórmãs precedentes. Esta ultima, reunindo as vantagens sem apresentar os inconvenientes das outras duas, foi sabiamente adoptada pela nossa patria.

Nem por um instante se póde pôr em duvida a indispensavel utilidade de um go-

verno. Quando nos maltratam ou roubam, quando nos calumniam ou atacam os nossos direitos, quando nos despojam dos nossos bens, a quem poderíamos dirigir-nos, em nossa angustia, para obter reparação do damno que nos causaram? Ora, sem governo, isto é, sem auctoridade, não haveria justiça, nem protecção, nem leis possiveis.

Estando assim reconhecida a incontestavel necessidade de um governo para reger os homens, em que condições poderá subsistir?

Para nos proteger, para nos garantir completa segurança, para salvaguardar a nossa honra e fortuna, para prestar-nos emfim a justiça que nos é devida, requer :

1.º O respeito e a obediencia. — O ascendente da sua força e auctoridade lh'os faculta.

2.º A força. — Nos seus agentes e soldados a encontra.

3.º O poder. — Nós lh'o offerecemos pelos suffragios ou pela acquiescencia á ordem de cousas estabelecida.

4.º Os meios. — Recebe-os dos tributos e das contribuições que impõe, e que correspondem aos serviços que devolve.

Estas quatro condições, indispensaveis á existencia do estado, comprehendem ao mes-

mo tempo os principaes deveres do cidadão. Vem a ponto repetir o que temos já dito da ordem social; não ha direitos politicos sem deveres correspondentes. Compenetremo-nos d'esta verdade, cujas consequencias são faceis de deduzir.

Ninguém póde exigir que o tratem, alimentem e vistam, se não retribuir com o salario convencionado, isto é, com os meios de o tratarem, nutrirem e vestirem.

Seria portanto igualmente injusto e impossivel querer que o governo garantisse a nossa liberdade e existencia, estendesse a sua protecção sobre nós e nossas familias, sem dar-lhe em compensação o tributo da nossa obediencia e reconhecimento.

Animado dos mais louvaveis sentimentos de justiça distributiva para todos os interesses, demonstraremos quanto a sua attenção se occupa do futuro das classes laboriosas e das questões que lhes respeitam, manifestaremos como construe e subsidia os asylos para os orphãos, para os decrepitos e enfermos; como protege todas as classes de cidadãos, suscita sem cessar providencias proprias para a redução do preço dos generos de primeira necessidade, organisa as officinas de aprendizado e aperfeiçoamento, facilita e anima a introdução

de novas industrias, institue caixas de deposito e de soccorro, auxilia as artes, a industria, a agricultura, derrama a instrucção em todas as classes da sociedade, offerecendo-a gratuitamente aos que não podem paga-la ; por toda a parte, a cada instante, assinalaremos os vestigios da sua profunda solicitude pelos interesses que lhe são confiados, reparando os damnos, flagellando os vicios, punindo as faltas, galardoando os nobres sentimentos, recompensando a dedicação, as acções heroicas n'uma palavra, desempenhando as funcções de um pae de familia. Acrescentaremos que não poderia faltar á sua missão protectora sem attrahir contra si geraes reclamações.

Mas para poder exercer com fructo a sua auctoridade paternal, precisa de ordem e segurança, obediencia ás leise instrucções, que estabelece no interesse de todos. Portanto, o operario que amar verdadeiramente o seu paiz, abster-se-ha de atacar a sua tranquillidade por exigencias intempestivas ; não escutará, nos momentos de effervescencia popular, a voz dos ambiciosos, que não hesitam em derramar ondas de sangue, para se assenhorearem do poder. Tendo a peito o cumprimento do dever, os seus interesses, o pão e o repouso da familia, evitará pertencer a socie-

dades secretas, a rebelliões insensatas, cujos resultados são sempre mais funestos para elle do que para aquelles a que são oppostas; que n'um dia fazem mais victimas e desgraçados que os mesteres insalubres em dez annos !

VI

Do emprego do tempo na officina

Entre os pontos essenciaes e dignos de attenção, mas sobre que raramente reflectem, indicaremos o bom emprego do tempo.

Nem todos ponderam bem o prejuizo consideravel que resulta da tagarellice na officina, das questiunculas, dos segredinhos, que promovem interminaveis discussões, interrompem incessantemente o andamento do trabalho, e que despercebidamente se traduzem em notavel perda de tempo, de que o operario é a primeira victima. Ha poucas industrias, ainda as puramente mechanicas, que não exijam certa attenção. Logo que se entregam á conversa, distrahe-se o cuidado que demanda o trabalho, que soffre por isso mais ou menos. Alem dos erros que podem commetter, ha tambem detrimento para o mestre, se

a obra for de jornal ; mas se for de empreitada, são pelo contrario os nossos proprios interesses que se prejudicam. Dos dois lados pois ha sempre perda que, parecendo insensivel no momento, é em realidade considerabilissima. Supponhamos effectivamente que n'uma officina composta de quinze operarios, cada um desaproveita meia hora de trabalho por dia, sendo um quarto de hora de manhã, e o outro de tarde (vejam que somos moderados na avaliação). Admittindo uma media de 300 dias uteis por anno, cada operario occasiona uma perda de 150 horas, ou perto de *quinze* dias uteis no fim do anno, e na totalidade dos operarios o patrão soffre um prejuizo de 2:250 horas ou de 225 dias, o que avaliando o preço do jornal pela *minimum* de 360 réis, representa uma perda real de 81 \$000 réis annualmente !

Note-se que não fallâmos da perda que das conversas resulta para a boa execução do trabalho. Quantas peças se não recommçam pela falta de attenção, que suscitam inevitavelmente as distracções estranhas ao trabalho ! Pomos de parte os accidentes, cujo maior numero é devido ás conversas, ou, n'outros termos, á desattenção que provocam. Ha tantos motivos, durante o dia, para interromper a obra ! Um rato que passa, uma

mordacidade, uma proposição, um acontecimento qualquer, são outros tantos pretextos para descurrem logo o trabalho.

Ha ainda outra falta, infelizmente commum, apezar da severidade e das justas reclamações dos mestres a este respeito, cujos effeitos não são menos desastrosos, ainda que pouco apreciaveis á primeira vista e na qual cáem facilmente: referimo-nos á negligencia de ser pontual nas horas de entrada na officina. Poucos operarios curam de começar á hora fixada; muitos, pelo contrario, se costumam a retarda-la, e acham sempre mais pretextos para assim o praticarem do que para principiarem a trabalhar um instante antes da hora precisa. Estes retardatarios não reflectem no prejuizo que acarreta este detestavel costume que, estendendo-se a certo numero de homens, reverte com o andar do tempo, para o patrão, em uma perda consideravel. Se este conseguisse desviar a causa, seria o mesmo que augmentar a decima parte do jornal dos seus operarios, ou diminuir quasi uma hora de trabalho por dia, realisando ainda notavel beneficio, sobretudo no inverno, pela economia da luz e da lenha do fogão.

Não nos contentando com a observação particular e o convencimento que adquirira-

mos a este respeito, estudámos diversos documentos, e colhemos a prova de que onde estes factos haviam sido confirmados, tinham produzido resultados analogos. Entre estes factos limitar-nos-hemos a citar os seguintes, que nos parecem proprios a compenetrar-nos da verdade d'esta asserção, pois que têm um character, por assim dizer, official.

O chefe de uma das principaes officinas de marcenaria e de carpinteria de Berlim imaginára muitos meios para empenhar os seus operarios a deixarem-se de conversas inuteis durante as horas de trabalho, e a entrar para elle á hora marcada; todos os esforços porém foram baldados. Depois de madura reflexão, reuniu-os um domingo n'uma das salas do estabelecimento.

« Meus filhos, lhes disse, a grande e lesiva concorrência, que me fazem os collegas, vae talvez obrigar-me a reduzir os seus salarios, se eu quizer continuar a occupa-los, e isso por sua culpa. » Começaram todos a bradar e a pedir que se explicasse. « A razão é porque não prestam toda a attenção á obra, em consequencia das conversas, e porque não são exactos ás horas de entrada na officina; as minhas reprehensões reiteradas não tem conseguido determina-los a ser mais assiduos.

Pensem bem n'isto; estão aqui mais de quatrocentos : supponhamos que cada um perde, termo medio, uma hora cada dia por essas duas causas; vejam e calculem o damno voluntario que me fazem ! » — Mas patrão, respondeu um, nós não podemos trabalhar sempre, e alem d'isso fazemos o nosso dever ! » — « Não podem trabalhar sempre ! Então que vem fazer para a officina ? O meu procedimento anterior para com os senhores, e o meio que ainda hoje tento para os reconduzir aos sentimentos de equidade, provam quão pouco sou exigente. Trabalham doze horas por dia, e d'ellas lhes concedo tres intervallos de repouso, que reduzem, em realidade, o dia a dez horas, e acham apparenemente que é ainda muito, visto que se arrogam o direito de palestrarem durante essas dez horas. Não me digam portanto que fazem o seu dever ! Offereço desde já a cada um dos senhores um florim de gratificação por semana se quizerem abster-se de fallar em materias estranhas durante o trabalho, e entrar á hora indicada no regulamento da casa. Os senhores passam agora a eleger uma commissão de poucos membros, que será encarregada de vigiar e mencionar os que cumprirem estrictamente a condição que eu acabo de estabelecer, e em presença

da lista que a commissão formular, longe de diminuir o salario, pagarei cada semana a gratificação promettida aos que a tiverem merecido. » Assim foi feito. Com a approvação de quasi todos os seus companheiros, sòmente cincoenta operarios tiveram direito à gratificação no fim da primeira semana. Foi-lhes paga integralmente. Na semana seguinte elevou-se o numero a oitenta, e ao cabo de tres mezes o patrão pagou quasi tantos florins de gratificação quantos eram os operarios !

Depois de uma experiencia de dois annos o chefe do estabelecimento dirigiu ao ministro do commercio da Prussia um relatorio, que mencionava os factos que acima apon-támos summariamente. Ajuntou que tinha, por este meio, realisado um lucro de 3 por cento sobre o que antes da adopção d'esta providencia auferia da mão de obra dos seus operarios. A seu pedido, estes factos foram confirmados por um inquerito, que revelou a satisfação dos obreiros, por terem visto assim, sem accumulção apparente de trabalho, augmentarem sensivelmente os negocios do seu patrão e os seus proprios por consequencia.

Factos analogos e que produziram os mesmos resultados são descriptos pelo sr. L.

Horner, um dos inspectores das manufacturas em Inglaterra. Limitar-nos-hemos á citação seguinte :

O sr. Roberto Gardner possui em Preston uma grande manufactura, onde os teares da fição e de tecidos do algodão são movidos por vapor. A força do vapor é de oitenta cavallos, e o numero de operarios de seiscentos sessenta e oito. Pelos motivos supra-mencionados, o chefe do estabelecimento resolveu reduzir o numero de doze horas a onze por dia, e declarou ao inspector, n'uma das suas visitas, que obtivera a mesma quantidade de trabalho sem augmento de despeza, pagando os mesmos salarios, tanto de jornal como de empreitada.

Durava a experiencia havia um anno, quando o sr. Horner se apresentou, para d'ella tomar profundo conhecimento, exactamente no dia em que os operarios festejavam o seu bom exito.

« Empreendi este inquerito, diz elle, com o desejo de tornar evidente o feliz acontecimento, mas ao mesmo tempo com o pensamento e o receio de que n'elle descobriria algum erro ainda despercebido. Se a experiencia comparativa tinha valor, era preciso provar que não se alterára a rapidez do systema mechanico, nem a força dos motores,

nem a qualidade das materias primas, nem a dos productos fabricados. Eu presumia que um manufactor intelligente, podendo achar o *maximum* de vantagens a tirar da rapidez para cada caso particular, não acreditasse que esse *maximum* desse tanta obra em onze horas como em doze. Pretendia eu tambem que um empreiteiro aproveitasse no trabalho o *maximum* da celeridade, e que não podesse, de um modo permanente, produzir tanto em onze horas como em doze. D'isto concluia que a reducção das horas de trabalho devia necessariamente ser acompanhada de uma diminuição de obra produzida nas manufacturas bem constituídas. »

Apresentaram ao sr. Horner os registos da fabrica, a fim de lhe provarem, pelo contrario, que os productos annuaes não tinham diminuido os salarios ganhos por semana.

« Os factos, prosegue o sr. Horner, se offereciam assim oppostos á minha theoria preconcebida, theoria que os chefes do estabelecimento não negavam. Perguntei-lhes como explicavam estes resultados. A explicação revelou-me que eu olvidára uma causa importante : *o effeito que a vigilancia e attenção dos mesmos obreiros podem exercer na somma dos productos.* Os chefes interrogados estabeleceram este facto : pela maior assidui-

dade desde que os operarios empregam menos horas, pela pontualidade inalteravel na hora da entrada, e pelo cuidado de não applicar mal o tempo no decurso do-dia, conseguiram produzir tanta obra em onze horas como d'antes em doze.

« Vieram visitar-me dezeseis d'estes operarios, continua o sr. Horner; confirmaram as declarações do seu chefe, e enumeraram as immensas vantagens e a satisfação que tiravam de um trabalho que acabava uma hora mais cedo cada tarde. Citaram-me tambem este facto: quando trabalhavam doze horas, sómente vinte e sete de entre elles iam á escola nocturna: depois que reduziram o trabalho effectivo, noventa e oito, em lugar de vinte e sete, instruíram-se n'aquella escola. »

Podémos citar ainda grande numero de exemplos, para provar os admiraveis effeitos que produzem a assiduidade no trabalho e a firme vontade do cumprimento do dever; bastarão porém os que precedem para arraigar o convencimento de que sempre se lucra com a applicação.

Utilisem-se instantes que não nos pertencem, embora hajamos apenas em recompensa o salario ordinario, ou alguma diminuição nas horas activas. Portando-se de outro modo, a lei moral condemna o operario; a

prova está no enleio em que fica quando é surprehendido pelos chefes a palestrar, em vez de trabalhar, isto é, a occupar-se de objecto differente da sua obrigação, ou quando chega tarde á officina, o descontentamento que experimenta contra si mesmo, e a precipitação com que entra e se dirige furtivamente para o seu logar. É a condemnação da consciencia. Convence-o de que praticou mal; o infractor sente-o, porém não o comprehende, ou antes não procura persuadir-se da sua falta. — « Ora! por alguns minutos!.. » Mas estes minutos muitas vezes repetidos produzem grande quantidade de horas; se esta quantidade abranger todos os operarios do estabelecimento, resumirá uma perda enorme para o chefe, e notem que esta perda acaba por sobrecarregar o mesmo infractor!

Fujam pois das perfidas suggestões dos que se gloriam de mandriarem, que aproveitam todas as occasiões para se distrahirem, em vez de se applicarem, sob pretexto de que é diminuto o salario que recebem. Má rasão essa para augmenta-lo. Quanto menos lucro derem ao proprietario, tanto menos os poderá recompensar, e parecerá exigente e vexador. As condições de trabalho hão de afigurar-se então insupportaveis, e d'este conflicto não podem resultar senão graves prejuizos para uns e outros.

N'um bello dia, porém, os preguiçosos são postos fóra, e então é que experimentam os terriveis effeitos da sua incuria, andando de officina em officina em busca de commodo. O assiduo, pelo contrario, singularisa-se vantajosamente, e é sempre conservado. Se por desgraça a mesquinhez ou o pouco discernimento do proprietario o não galardoar devidamente, o operario honrado achará a recompensa na satisfação da sua consciencia. É inapreciavel o inteiro cumprimento dos nossos deveres, d'elle dimana o legitimo regosijo que exalta o homem que sabe, sem baixeza, sujeitar-se ás necessidades da sua condição.

Se importa todavia ao operario não perder nenhum momento do dia que lhe pagam, compete tambem aos donos distinguir e animar o que bem desempenha o seu dever. Os proprietarios que faltam a este cuidado, commettem ao mesmo tempo um erro e uma injustiça: um erro, porque desconhecem os seus verdadeiros interesses, que consistem em tirar todo o proveito possivel da diligencia, aptidão e boa vontade do operario; uma injustiça, porque collocam no mesmo nivel o laborioso e o mandrião, e não recompensam o zêlo e a actividade, que são menos raros do que se julga, mas que, para se desenvolverem,

precisam ser favorecidos pelo attractivo de melhores lucros ou vantagens, sob pena de ver o obreiro habil ir n'algum dia engrossar as fileiras dos descontentes, e acabar por in-
vectivar como elles.

Seja como for, a conveniencia e obrigação do artifice encerra-se em não perder inutilmente o tempo, que constitue o seu capital. Dissipando-o, destroe insensivelmente os seus proprios recursos, enleia-se em difficuldades, cae na penuria; e entrado que seja n'esta senda, ser-lhe-ha quasi impossivel sair d'ella honrosamente.

O aproveitamento do tempo não se cinge á officina, vae tambem ao que se passa em casa. Terminada a lida quotidiana, haja ainda no lar alguma applicação instructiva e agradavel, segundo o proprio gosto e aptidão, aindaque nada produza pecuniariamente. Este licito e domestico recreio, por qualquer titulo que se emprehenda, afasta os maus pensamentos, produz na familia proficua emulação, e é sempre de bom exemplo; não se gasta o dinheiro na taberna, observa-se o que vae por casa, e evita-se que a consorte vá conversar para o aposento da vizinha, em vez de se occupar do arranjo caseiro. Tal distracção portanto nunca será totalmente improductiva.

VII

Dos intervallos de descanso durante o trabalho, do repouso do domingo e da ociosidade da segunda feira

Seria baldado querer negar a favoravel influencia dos intervallos de descanso, acertadamente combinados, sobre a quantidade de productos de um estabelecimento industrial. O quarto de hora da sésta que se concede aos operarios contribue mais do que se julga geralmente para lhes renovar as forças e distrahi-los com proveito da monotonia do trabalho. Ao voltarem para elle, o vigor está recuperado, sentem-se capazes de duplicar a tarefa, e n'ella empregarem, como se diz, todos os seus sentidos. Seria pois economia mal entendida querer, em todos os casos, supprimir esta usança.

Em principio, os intervallos de descanso deveriam ser subordinados á maior ou menor fadiga que dimana do exercicio das differentes artes mechanicas, e bem assim á monotonia do trabalho sedentario. O intervallo habitual do meio dia basta, quando o trabalho não excede dez horas igualmente repartidas. Ultrapassando este praso, maior descanso é indispensavel e conveniente a patrões e operarios.

Quanto ao repouso do domingo, limita-se a nossa restricção á que comportam os serviços publicos obrigatorios. Se, pelo aspecto religioso, o repouso foi prescripto como dever pelos povos civilisados, desde a antiguidade até hoje, não é menos necessario relativamente á moral e hygiene, e torna-se altamente util nos seus resultados. O operario não é machina que possa mover-se sem interrupção. Se exerce mister mais ou menos pesado, descansar no setimo diá não é demasiado para reparar as forças; se, pelo contrario, tem uma profissão sedentaria, concedam-lhe pelo menos um dia por semana para se entregar ao exercicio indispensavel á conservação da sua saude. « Toda a profissão, diz o sr. Th. Barrau, no seu famoso livro *Conselhos aos operarios*, toda a profissão que absorve inteiramente o que a exerce, póde acabar por emparvoecele-lo; o operario entregue todo ao labor material, e não cessando de reproduzir os mesmos movimentos, sentiria pouco a pouco enervarem-se e paralysem-se os orgãos do entendimento, se o repouso corporal não viesse de quando em quando pôr em liberdade a intelligencia. Lembre-se o operario que não nasceu sómente para trabalhar a madeira, o metal ou a pedra; antes de tudo é homem, e deve por conse-

quencia manter a sua dignidade, cumprir os seus deveres de homem, pensar no seu futuro de christão : tal é o emprego do domingo.

« Ao domingo o operario deixa repousar os utensilios : falla de assumpto alheio ao seu officio, ou, se d'elle se occupa, é para recapitular as suas esperanças em companhia da familia ou dos amigos. O seu pensamento, desassombrado dos obstaculos de uma arte mechanica, das mil obrigações da officina, expande-se livremente sobre os objectos compatíveis ao seu agrado e capacidade, ou recolhe-se e envolve-se em si mesmo; observa, reflecte, medita, occupa-se algumas vezes a ler e a desenhar. Desfructa o bello panorama da natureza que a bondade de Deus ostenta a todos os seus filhos; saboreia innocentes prazeres, e os mais suaves são aquelles que experimenta em familia. »

O que haverá longe da realidade n'este quadro tão verosimil e ridente!? E todavia é incontestavel que o repouso do domingo exercê no operario salutar influencia; sente em si mesmo maior disposição para o trabalho quando o descanso regular retemperou a sua robustez. A obra feita depois d'elle sãe geralmente perfeita, mais bem acabada, e executa-se em condições mais rapidas.

Com grande verdade assevera o citado auc-

tor, que de ordinario não é o excessivo amor á lida, nem a sêde immoderada do ganho que impellem a violar o dia do descanso official. Entre os obreiros que n'esse dia tanto se esforçam no seu trabalho, talvez mais que durante a semana, ha de haver quem figure significar : « Vejam como me rio dos preceitos da religião e das usanças estabelecidas! Tangem os sinos e parecem convidar-me á oração; solicita-me o passeio, tudo me envida a participar do repouso e das distracções do domingo... e todavia nada d'isso me importa ! Estão fechados os tribunaes, as escolas e os estabelecimentos fabris; tudo folga e guarda o dia; entretanto reparem como o meu martello continua a bater, e a minha serra não cessa de resoar ! Julgam porventura que gosto mais de trabucar que qualquer outro ? Enganam-se redondamente. Amanhã, quando voltarem ás suas occupações, não ouvirão nem martello nem serra : competir-me-ha então folgar. Vocês guardam o domingo, mas eu solemniso a segunda feira ! »

Oxalá que assim não fôra ! Para certas categorias de obreiros, principalmente para os que trabalham em casa, é segunda feira o dia consagrado cada semana ao culto da desordem; e depois que o mau comportamento e desleixo o adoptaram, não ha no

calendario festa melhor celebrada, sobretudo nas grandes cidades. Effectivamente reconhecem na segunda feira vantagens superiores as do domingo. N'este dia santificado tem que apparecer o fato domingueiro; a esposa vae a missa, e deseja que a acompanhem ao passeio ou nas visitas aos parentes e pessoas de amisade; os filhos não vão ao collegio, e é preciso atura-los todo o dia, e apenas algumas horas livres se podem subtrahir á familia e as obrigações do domingo. Na segunda feira, pelo contrario, pôde-se andar por toda a parte de camisola suja; não se vae á missa e ao passeio com a familia; os filhos estão na escola e a consorte a coser ou no trato domestico; de manhã, de tarde e até de noite dispõe-se á vontade de todas as horas. Mas como se empregam tantas horas? Seria quasi impossivel emprega-las bem. O homem costumado a continua actividade não supportaria o peso de tão prolongada inacção. Carece de excitação e commoções fortes. Busca-as onde julga encontra-las, isto é, nas tabernas e nos logares de má fama. Anda, digâmo-lo assim, como alheio de si mesmo; desconhece-se, e nem já se domina. Seguem-se os desregramentos e a despeza immoderada. O que ao domingo se divertia com

um tostão, gastará seis na segunda feira.

Este deploravel costume augmenta o numero dos que contribuem para enfraquecer as affeições de familia, para fortalecer e incitar as más inclinações, tornar impossiveis a economia e a boa administração domesticas, e impellir ao rapido declive da devassidão e miseria. Quantos desgraçados se não vêem que, depois de terem gosado uma posição relativamente commoda, devida ao seu trabalho, cáem insensivelmente em espantoso aviltamento, por não haverem tido a coragem de repellir as suggestões criminosas dos seus companheiros que, de ordinario, festejam a segunda feira na taberna !

Se o *feriado* do domingo serena e refrigera os sentidos, o da segunda feira os agita e os perturba. Este dia nunca se passa em casa; a presença de uma mãe, ou da descontente conjuge, destruiria todo o prazer; corre-se pois para as baiucas ou para as feiras. Não se ouvem ahi conversações honestas, não se passeia pacificamente, não se trocam palavras amigaveis entre pessoas estimadas, não se contemplam e quinhoam os meigos jogos infantis; porém encontram-se a desordem, as contestações, os vituperios, cabeças esquentadas por frequentissimas libações de cerveja ou de genebra, alegria louca e febril,

e a lastimosa emulação de quem melhor abafará a voz da consciencia e a do seu companheiro.

E depois não valerá nada o abatimento ou a agitação enfermiza dos nervos, que segue em geral aos excessos d'este genero? Não terá valor porventura a perda de tempo, de dinheiro e consideração? Haverá um só operario que seja, que fique satisfeito de ter folgado na segunda feira?... Perguntem-o aos partidarios d'esse lastimoso costume; todos ficarão envergonhados dos excessos d'aquelle dia, todos attribuirão á sua culposa acquiescencia os desvios que commettem em tal momento de delirio, que não tem a força nem a vontade de evitar!

Que diremos dos que accumulam o descanso do domingo, á ociosidade da segunda feira, consagrando em apparencia o dia á lei religiosa e á força do uso; o primeiro á familia, o segundo á camaradagem, e em realidade ambos á mandreice? Se estão compenetrados do sentimento dos seus deveres, como podem folgar na segunda feira? Se não estão, para que guardam o domingo? Optem pois entre os dois dias; ou, se os tomam ambos, confessem então que é por amor á madraçaria e ao desarranjo. Não é domingo seguido de uma segunda feira, são

duas segundas feiras que se continuam.

Ha outra costumeira, propria sobretudo de alguns operarios da capital, que felizmente se torna cada vez menos frequente : é de andar vagueando de tasca em tasca por occasião das feiras ou de analogas circumstancias, sem outro fim que o de embriagar-se com cerveja e de offerecer-se em espectaculo. Triste espectaculo, em verdade, que obriga até a voltar o rosto desgostoso aos proprios companheiros d'esses insensatos, quando os encontram em tal estado! Fazem gala de haver bebido muito, rido muito e cantado muito; outros exultam de se terem batido, rasgado e descomposto! É para elles o anverso da medalha; quanto ao reverso, pugilato violento, que se joga durante o brodio, conduz grande numero d'esses desgraçados aos bancos da policia correccional. Se escapam a esta bella perspectiva, fica-lhes por unico recurso o monte de piedade para se alimentarem no dia seguinte, se porventura ainda houver algum fato para empenhar. Em todo o caso o domicilio ha de deparar-lhes sempre mulher e filhos que carecem do estrictamente necessario. Que inferno então! Ralhos e injurias sem fim, e em seguida a desmoralisação prematura para as creanças que vivem n'este circulo vicioso, e que, pela

perversidade dos exemplos recebidos, mais tarde girarão fatalmente na mesma circumferencia, qualquer que seja a bondade dos seus instinctos!

Não antecipemos porém; o assumpto ha de ter melhor cabimento quando adiante fallarmos das consequencias da intemperança para a familia. Entretanto, limitámo-nos a exhortar os operarios, que festejam ainda a segunda feira, a que desprezem para sempre tão funesta propensão. O conselho communal de Bruxellas, por uma resolução justa e geralmente applaudida, aboliu a *segunda feira perdida*. Possam todos os trabalhadores dilatar do mesmo modo esta prescripção ás outras segundas feiras do anno que *perdem* de boa vontade; a sua dignidade de homem e os seus verdadeiros interesses lucrarão com isso por todos os motivos.

VIII

Dos salarios e da sua manutenção

Tocâmos agora uma das questões mais arduas e delicadas do dominio do operario : a apreciação dos salarios e dos meios de os sustentar.

Sujeitos ás fluctuações da offerta e da procura, á descoberta e introdução de novas machinas e recentes aperfeiçoamentos, aos caprichos dos mestres, ás necessidades e exigencias dos proprios operarios, os salarios variam infinitamente em todas as profissões e paizes, de uma cidade e de uma officina até para a outra. Elevadissimos algumas vezes pelas urgencias industriaes do momento ou falta de braços, recáem tambem n'outras occasiões em tão infimo preço, que mal chegam para fornecer pão ao obreiro e sua familia. A differença das idades, das aptidões, as difficuldades da profissão, os annos do apprendizado justificam imperfeitissimamente a graduação dos salarios na industria. O operario que ganha tres francos (540 réis) por dia n'uma localidade, dar-se-ha por feliz se receber dois francos (360 réis) na localidade vizinha, pela mesma quantidade de trabalho, sem que por isso as condições de existencia se apresentem em relação equivalente.

D'esta circumstancia e falta de equilibrio nascem precisamente os innumerados debates que surgem ácerca dos salarios, e a má fortuna que acompanha certa ordem de trabalhadores; uns ganham relativamente mais e outros menos, e todavia os comestiveis, a

renda das casas, o vestuario, etc., são tão caros para uns como para os demais.

Para a maioria dos operarios, o remedio a tudo isto não é facil de encontrar. Os sonhadores de transformações sociaes e de organização do trabalho debalde o procuraram, e os seus esforços multiplicados só conseguiram promover perturbações maiores ainda, se é possível, que as que já existiam. Ainda estão em lembrança os successos que desditosamente justificaram esta verdade. — Disseram os reformadores : « Que pedem os operarios de todas as profissões? Diminuição de trabalho e augmento de salario? Pois bem, concedamos-lhes essas vantagens; decretemos uma lei que diminua uma hora no dia util, e que imponha aos mestres a obrigação de pagarem aos operarios salario mais elevado. » Assim foi. Um carpinteiro nosso amigo contou-nos frequentemente os effeitos d'esta providencia, que havia de erguer a classe laboriosa de um paiz vizinho ao cumulo da prosperidade.

« Antes da promulgação d'esta lei, nos dizia, ganhava eu dezoito francos (3\$240 réis) por semana, a doze horas de trabalho por dia; passava parcamente, mas emfim ia-me remediando. Quando aquella providencia foi posta em execução, diminuíram-

me uma hora de trabalho e elevaram-me o salario de dezoito a vinte francos (3 ₣ 240 a 3 ₣ 600 réis). No fim da primeira semana, satisfeito d'este resultado, precisei fazer diferentes compras, e com este proposito me dirigi ás lojas em que costumava fornecerm-me. Primeiro quiz comprar uma *blouse*. Entro, peço para provar uma, e pergunto quanto custa. — Sete francos (1 ₣ 260 réis), me respondem. — Como! sete francos? Mas ha um mez comprei aqui uma *blouse* igual por cinco francos (900 réis)! — É verdade, é; mas como as horas de trabalho diminuíram e os salarios augmentaram, não podemos vende-la pelo mesmo preço. — Tem razão. — Paguei pois, e encaminhei-me para a loja do meu sapateiro. — Quanto custam estes sapatos? — Oito francos (1 ₣ 440 réis), meu freguez! — Não é possivel, mestre. Nunca dei mais que seis francos (1 ₣ 080 réis)! — Sem duvida, antes do augmento do salario dos obreiros podia vende-los por esse preço; mas agora é impossivel, porque até me custam mais caros!

«Não ficára aqui tudo.

«Voltando para casa, representou-me a hospedeira que de ora em diante não podia continuar a alojar-me por oito francos (1 ₣ 440 réis) por semana; que, vista a alta produ-

zida sobre uma infinidade de artigos pelo augmento dos salarios, etc., havia de pagar para o futuro dez francos (1\$800 réis) pelo meu alojamento semanal.

« Puz-me a reflectir seriamente e a recapitular quanto custariam desde então as minhas refeições. O resultado do calculo foi que eu havia de cortar do orçamento a fructa e os doces, que d'antes comprava sem me causar transtorno.

« No dia immediato contei tudo aos meus collegas, que tinham feito proximamente as mesmas reflexões. Sem embargo eu não comprehendia ainda bem os motivos d'esta mudança. — Como assim, meu velho! diz-me o collega, metteu-se-te na cabeça, porventura, que augmentaram salarios e diminuiram horas para ti sómente? — De certo que não! — Pois bem! Considera então que os mesmos effeitos de carestia devem, por iguaes causas, manifestar-se em todos os misteres. — Mas onde está a vantagem da providencia que decretaram e que todos nós applaudimos? — A vantagem é illusoria... Adverte bem n'isto, tu trabalhas menos e ganhas mais, e comtudo o patrão não póde perder: precisa pois augmentar o preço dos productos. Esta consequencia é inevitavel, e não se diga que só um lynce a enxerga...

« Pouco faltou para requerermos a abolição d'aquella lei. Felizmente os acontecimentos pouparam-nos esse incommodo! »

Esta narrativa, de tão simples comprehensão, patenteia quanto é delicada a questão do augmento geral dos salarios. Effectivamente a ninguem serve ganhar o duplo, havendo de pagar tudo na mesma proporção. O que convinha, o que seria racional, e o que (esperâmo-lo) virá a ser possível é que os salarios sejam regulados segundo os preços dos generos alimenticios, e que, em todos os casos, augmentem com o valor dos artigos indispensaveis á existencia. Ha tempos a esta parte que se verificam a tal respeito notaveis melhoramentos em bastantes industrias, e muitos proprietarios apressaram-se em melhorar o salario dos seus operarios.

Propendam em summa todos os esforços a restabelecer e conservar o equilibrio entre a taxa habitual do preço da mão de obra e o dos generos alimenticios. O interesse dos chefes industriaes está n'isto de accordo com o dos operarios. Convem que estes se alimentem e conservem saude e forças, a fim de que a lida se execute convenientemente. Homens eminentes e no caso de apreciar as privações das classes operarias comprehende-

ram esta verdade, e abalançaram-se a fazê-la prevalecer.

O operario, todo entregue ao labor diario, não pôde occupar-se de todas as suas dependencias; contribuirá porém para assegurar a efficacia das providencias que se determinarem para favorecer a sua sorte, por meio da conformidade, do bom procedimento e da dedicação ao trabalho, considerando que só elle é o seu amparo.

Este ponto conduz-me naturalmente a tratar das associações constituídas para a manutenção dos salarios.

Uteis no principio, porque têm por fim salvaguardar os interesses sagrados dos operarios, como os dos mestres, prevaricam por vezes na applicação, e nem sempre investigam activamente os progressos que se desenvolvem na industria, em relação á facilidade do trabalho.

Firmam-se de ordinario sobre uma ou outra das duas regras seguintes, que offerecem serios obstaculos de execução :

1.^a Ou se fundam, tomando por base a taxa do salario como está estabelecida pelo uso em cada officina da localidade;

2.^a Ou determinam arbitrariamente essa taxa fixando o minimo do salario, abaixo do qual o associado não poderá já trabalhar.

A primeira regra apresenta uma contradicção flagrante, no sentido de que o operario deixará um estabelecimento por uma infracção dos usos da casa, e irá sem escrupulo trabalhar na mesma obra na officina vizinha pelo preço que recusou na primeira. Resulta d'isto, que colloca o dono, que lhe confere salario elevado, em certa posição de inferioridade relativamente aos outros mestres, posição que acarreta consequencias sobre que julgo superfluo insistir.

A segunda regra, attenuando parte dos effeitos desastrosos, mas inevitaveis, da primeira, apresenta tambem graves inconvenientes.

Determinando o minimo de salario, abaixo do qual o socio não poderá já trabalhar (e digamos de passagem, que este minimo constitue a regra absoluta), tal systema pretende estabelecer um principio de igualdade que os factos desmentem todos os dias. Eleva uns pelo rebaixamento dos demais. Evidentemente não têm todos os operarios o mesmo conhecimento da sua profissão, o mesmo grau de intelligencia e habilidade; muitos são na realidade activos, mas tambem abundam os indolentes, e, quanto ao trabalho, só pensam no fim do dia. Ha portanto injustiça, ou antes calculo errado, em dar igual

salario a uns e outros; desaparece a emulação, principal estímulo do operario, e por este motivo sobrevem a introducção, em determinadas industrias, do systema de trabalho ás peças ou de empreitada.

Acresce que a associação, fixando a taxa do salario, deve necessariamente determinar tambem o grau de capacidade, alem das condições da idade e do apprendizado; do que resultam bastantes consequencias forçadas para a associação, sem fallar dos operarios, que não se inscrevem e que são logo os seus inimigos declarados :

1.º Ou ella repelle os candidatos que suppõe ineptos ou manchados de vicios (que vão depois sem escrupulo supplantar-lhe os membros);

2.º Ou então os admite, sendo elles depois os proprios que a impopularisam, tornando-se-lhe encargo permanente.

Para obviar a estes contratempos, os patrões devem ter parte directa nas associações de que se trata. Em vez de considerá-las como oppostas aos seus interesses, competia aos mestres anima-las, dirigi-las na vereda do são raciocinio, e protege-las como suas verdadeiras auxiliares; em vez de tentar arruiná-las, desacreditando-as ou atacando o principio que ellas consagram, deviam provocar

a criação de novas associações, e fortalecer as que hoje se encontram instituídas. Seria meio certo de assegurar sempre o concurso de excellentes operarios, e de incitar entre elles o estudo dos assumptos profissionaes.

Infelizmente, por um falso sentimento de independencia, desmentem a solidariedade de interesses que se dá entre elles e os seus operarios, e repellem quasi todos esta idéa, que formará todavia, n'um proximo futuro talvez, a unica barreira que poderão oppôr á concorrencia illimitada que os esmaga hoje, e transforma o terreno da industria, outr'ora tão pacifico, n'um verdadeiro campo de batalha.

Em geral, e importa essencialmente destruir este preconceito, os proprietarios de officina julgam que as associações operarias para a manutenção dos salarios são hostis aos seus interesses. Não é mister grande esforço para demonstrar-se o contrario.

Quando ha redução no salario do obreiro, ha quasi sempre tambem diminuição de lucros para o dono. O desejo natural de alargar o circulo dos seus negocios induz o dono a desprezar a redução que havia de impôr aos artifices que emprega. D'isto procede que a perda, que soffreriam todos os operarios de um estabelecimento, soffre-a sósinho o pro-

prietario. Para o operario a perda é relativamente pouco sensivel; para o proprietario equivale muitas vezes á imminente ruina.

Se os donos se dessem ao incommodo de reflectir no effeito moral que produz a redução dos salarios, por minima que seja, fugiriam (cremo-lo intimamente) de opera-la, salvo o caso de força maior, e depois de esgotados todos os outros meios.

Seria grave engano pretender que um operario produza tanto e tão bem como d'antes, depois de lhe reduzirem o vencimento. Aindaque queira, não lhe é possivel. A redução desanima-o, e a lida quotidiana e os affectos de familia nem sempre conseguem superar o desgosto que o invade. Se trabalha de jornal, resentem-se os productos na quantidade; sendo de empreitada, padece a qualidade. Este corollario é logico, porque a depreciação do salario acarreta a imperfeição do trabalho, e, em regra, os salarios elevados fazem bons obreiros e a prosperidade dos mestres, com a dupla condição, porém, dos primeiros procederem bem e revelarem profundo amor ao trabalho.

IX

Da hygiene e do asseio da officina

Quando se medita nas causas de insalubridade inherentes ao exercicio da maior parte das profissões industriaes, reconhece-se que os cuidados hygienicos e o asseio da officina exercem grande influencia na saude do operario e na boa e rapida execução do trabalho. N'este sentido não serão superfluas algumas recommendações especiaes.

Geralmente fallando, o operario não avalia bem a importancia do asseio na officina; incumbe portanto aos proprietarios vigia-lo e mante-lo, tanto no interesse da saude dos individuos que empregam, como no da perfeita conservação de seu material e utensilios.

A ventilação das salas da officina, um dos primeiros preceitos da hygiene, não deve ser descurada; peccam n'este ponto muitos estabelecimentos industriaes, aliás bem organizados sob outros aspectos. Estas precauções variam segundo os misteres, e combinam-se em rasão das materias que manipulam nas officinas, da poeira ou do calor mais ou menos forte que a manipulação origina, e que com o tempo acabam por exercer uma influencia

debilitante e até mortifera nas pessoas que lhes estão sujeitas.

Convem uma vez por anno cair as paredes. Alem do branqueamento geral das salas de trabalho e do desaparecimento dos depositos immundos que se formam nos angulos e rodapés a caiação é por si mesma saluberrima e contribue para dar á officina um aspecto mais attrahente, favorecendo a acção da luz.

A limpeza da officina e a boa conservação do material são cousas não menos uteis a recommendar. Faz gosto trabalhar n'uma casa em que tudo está asseiado e bem disposto. Dimana d'ahi tão grande economia para o dono e para o obreiro, que o que se gasta para obter esta vantagem é insignificante, em comparação dos beneficios auferidos. Para o operario ha economia de tempo na mão de obra, porque, estando tudo ordenado e classificado, acham-se mais facilmente os objectos que se precisam, o trabalho avulta, sáe perfeito e melhor acabado que se fosse executado em condições de pouco asseio e de desarranjo.

Para o proprietario, as vantagens da ordem e limpeza são ainda mais notaveis. Com material relativamente menos consideravel, velando por elle, concertando-o opportunamente, sobretudo o que pertence á

mechanica, conserva não sómente os seus utensilios e machinas muito mais tempo, senão tambem previne os prejuizos que, n'outros casos, seriam inevitaveis.

A officina será, se for possivel, varrida todos os dias, e lavada com frequencia. Os utensilios, mórmente machinas e peças de metal limpem-se com cuidado todas as semanas, para preserva-los da ferrugem e destruição prematura. Se o praso for mais longo, a limpeza demandará tambem mais tempo, e alguns objectos precisarão talvez de maiores e dispendiosas reparações.

As recommendações a transmittir ao operario, quanto á hygiene, diversificam segundo as profissões e os caracteres de insalubridade que apresentam. Para todas é util, todavia, prescrever grande asseio do corpo e abstinencia dos excessos de bebidas, que são poderosos medicamentos para debellar a influencia dos misteres doentios.

Ha raras profissões que sejam absolutamente isentas de inconvenientes para a saude; encontram-se até algumas que expõem a multiplicados perigos. Mas os perigos e a insalubridade relativa da maioria d'essas industrias podem, em muitos casos, combater-se por simples precauções, cujo desprezo suscita tantos accidentes. Verdade é que as condi-

ções de trabalho, em grande parte d'ellas, influem de differente modo sobre a saude e o desenvolvimento physico dos operarios, que o trabalho propriamente dito. Nas industrias em que as officinas estão convenientemente estabelecidas, os salarios em proporção com as necessidades da vida, e raras as folgas, os obreiros gosam geralmente boa saude, emquanto se conservam sobrios e moderados. Apenas se cita a excepção dos que manuseiam o chumbo, o cobre e certas preparações chemicas. Quanto ao mais, compenetre-se bem o operario : pelas regras elementares de hygiene e precaução, pela abstinencia de bebidas fortes, pelo arranjo e bom comportamento, que lhe permittem nutrir-se, vestir-se e alojar-se convenientemente, pôde senão destruir as causas desfavoraveis á saude, oppor ao menos poderosos palliativos á insalubridade das profissões reputadas mortiferas.

X

Das prevenções contra as machinas

Uma das prevenções mais derramadas entre a classe operaria é sem duvida a que se aventa contra as machinas.

Importa pois examinar maduramente o valor das objecções que os artistas expendem contra as machinas, ás quaes attribuem todos os seus soffrimentos, humilhações e falta de trabalho.

Antes de tudo porém, para obviar a enganos, cumpre pesar bem o valor das palavras. Divulga a opinião commum que os operarios só vivem do seu trabalho; diminuindo-o, é diminuir-lhes de um golpe os meios de existencia. Não é exacto. Os operarios, mais que ninguem, não vivem do seu trabalho; vivem do producto do seu trabalho, o que é muito differente. Não se lida pelo prazer de lidar, mas para obter o que o trabalho póde facultar. Ora se com menos esforço se alcança a mesma quantidade de pão, de alimento, de vestuario, é evidente que se terá identico resultado, poisque se obterá igual somma de gosos. Lucra-se com a simplificação do trabalho, em consequencia de deparar novos recursos. O bem estar de um homem, como o da sociedade, não se mede pelo seu trabalho, mas pelo que desfructa. Se de outro modo fôra, o fiandeiro manufactor da Flandres actual, por exemplo, que trabalha dezesete a dezoito horas por dia para ganhar 1 franco (180 réis), deveria julgar-se mais feliz que o que conduz uma machina de fiar,

e que por um trabalho de dez a onze horas, quasi sem fadiga, obtem um salario de 3 a 4 francos (540 a 720 réis). Diminuir a quantidade de obra que se pôde dar a fazer n'um tempo determinado, e diminuir a quantidade de trabalho ou de esforço necessario para executar qualquer producto, são duas cousas distinctissimas. Se podesse ser verdade que fôra um mal diminuir o esforço requerido para fabricar qualquer objecto, a illação seria que o contrario constitue um bem. Chegarse-ia á conclusão que os esforços do homem devem propender a produzir tudo com o maior custo possivel. Fôra absurdo.

Sendo o trabalho uma fadiga a que ninguem se sujeita senão para satisfazer as suas necessidades, tudo o que pôde diminuir esta fadiga representa um bem. Tendam portanto os esforços a tornar o fabrico mais rapido e menos penoso, a fim de manufacturar-se mais no mesmo tempo e com maior commodidade.

Trabalho importa dever, e o homem tenta minoralo por instincto natural, e pelo effeito da sua intelligencia, que para esse fim parece ter-lhe sido outorgada. Substitue, quanto pôde, o trabalho braçal e manual pelo das forças da natureza; inventa meios para pôr estas forças ao seu serviço, com o auxilio dos

utensilios, dos instrumentos e das machinas que supprem as suas proprias forças, aproveitando as propriedades da materia. Em geral, a machina é um instrumento ou apparelho mais ou menos simples ou complicado, mediante o qual o homem encontrou maneira de poupar-se ao cansaço, produzindo mais facil e promptamente o que deseja. Até ao estado selvatico recorre o homem a instrumentos ou a aparelhos. A funda, o arco, as frechas, o osso curvo qual o anzol, de que se serve para colher a presa, são na realidade instrumentos grosseiros, comtudo sempre são instrumentos.

Seria longo expor, ainda que summariamente, os aperfeiçoamentos successivos que o homem introduziu em todas as industrias, e as invenções de que se foi valendo gradualmente para melhorar a sua condição, diminuir o esforço e augmentar os gosos. Sentimo-lo, porque é magnifica e interessante a historia dos desenvolvimentos que vieram fortificar a fraqueza physica do genero humano. Todavia, sem entrar em pormenores, de um rasgo se comprehende que cada invenção concorreu para a felicidade material do homem e satisfação das suas necessidades, como se a terra se tornasse mais fertil e as estações mais favoraveis.

Quando o moinho de vento ou de agua substituiu o moinho manual para moer o trigo, foi menor o trabalho na preparação alimenticia, e empregaram o tempo que sobrou em busca de outras commodidades; o mesmo aconteceu com todas as descobertas que vieram suavisar o trabalho puramente physico, a proporção que os objectos manufacturados pelos homens se forem obtendo pelo emprego das machinas, podem applicar-se os braços á manufactura de outros artigos.

Dir-nos-hão que é o verso da medalha, e que não attendemos ao mal que causam as machinas, vindo precipitadamente desaccommodar uma multidão de operarios! N'um paiz populoso, como a Belgica, grande numero de operarios costuma-se a ganhar a vida n'um genero particular de industria. Se inventam uma machina para fabricar o que produzem, ficam sem occupação; vêem-se obrigados a procurar, a esperar, a sair d'onde estavam, e a exercerem outro mister! Que de soffrimentos, miserias e luctas antes de haver readquirido o pão!

Consideremos o mal apontado. Os artistas, assim substituidos, tiveram por vezes a desgraçada idéa de continuar a manufactura, esperando luctar com a machina. Temos eloquente exemplo nos pobres tecelões de

Flandres, que succumbiam ao peso de fadiga antes de cuidarem em desampara-la. Lá, como por toda a parte, trabalhando cada vez mais por baixo preço, conseguiram sustentar a concorrência; mas a baixa do preço reduziu-os á penúria. Queixaram-se então da injustiça da sociedade; allegaram que trabalhavam sem cessar, e que ainda assim a paga era mesquinha. Accusaram a sociedade de os não retribuir de modo conveniente, quando não deviam attribuir senão a si proprios a difficuldade da sua posição. Para que luctavam contra as machinas que produzem mais economicamente? Era insensato aguardar que lhes dessem o mesmo preço pelo que podem obter mais barato.

Por mais cruel que pareça este raciocinio, haja em vista que trabalhar ou produzir para os outros é prestar-lhes um serviço. Não se constringe todavia ninguem a pagar os nossos serviços mais do que valem. Ora, estes serviços valem metade, por exemplo, quando por outros processos se encontra n'outra parte o mesmo objecto por metade. Pela mesma razão ninguem daria por um par de botas 30 francos (5\$400 réis) em vez de 15 francos (2\$700 réis), só porque o operario, estando doente, levára o dobro do tempo a faze-las.

De certo não quereríeis pagar as cousas por mais do que ellas valem. Pois crêde que todos pensam do mesmo modo; não querem, não podem pagar os productos por quantia superior ao seu valor. Quando, por invenção recente, se fabrica por 5 francos (900 réis) o que valia 10 francos (1 D 800 réis), diz-se que o objecto vale 5 francos, e não se deseja satisfaze-lo por mais. Ora por que ha no mundo quem não saiba, queira ou possa empregar os novos meios, poderá porventura obrigar-se-nosa a pagar o antigo preço? Com que direito se attentaria assim contra a liberdade alheia? Que juizo se faria de um fabricante de algodão que, a pretexto de não querer aproveitar-se dos aperfeiçoamentos introduzidos n'essa industria, pretendesse 3 a 4 francos (540 a 720 réis) por cada metro de panno, como na epocha em que o fabricavam manualmente, podendo obter-se esse mesmo tecido por 50 centimos (90 réis)? Culpam ás vezes os mestres de empregarem machinas nos seus estabelecimentos. São porém a isso obrigados. Não possuem a liberdade de applicar ou não applicar um novo methodo de fabricação. Vendendo as manufacturas, prestam serviços, e não hão de exigir mais do que merecem n'outra parte, aliás faltarlhes - iam encommendas, e os operarios

seriam os primeiros a soffrer em tal caso.

Objectarão que a idéa de que uma machina póde causar o infortunio de muitos operarios, privando-os de trabalho, leva a suppor, como o julgam os artistas, que as machinas originam mais prejuizo do que bem. Não tendem ellas a substituir o labor humano, e a privar as classes industriaes dos seus meios de existencia? Se os que são assim substituidos morrem de fome, a invenção das machinas não é já um beneficio, e deveriam ser prohibidas.

Algumas reflexões farão ver que esses receios são infundados. A quantidade de trabalho, que póde ser empregada n'uma epocha qualquer, depende do maior ou menor capital de que se póde dispor. Abaixo veremos isto com mais evidencia. O capital economisado precedentemente é portanto o que sustenta os artistas, emquanto se não realisa a venda do que fabricaram.

A prova de que as machinas não destroem o labor humano é que se confirma geralmente o phenomeno de que quanto mais machinas ha, tanto mais operarios se vêem empregados, mais augmenta o capital; n'outros termos, mais recursos adquire o proprietario, para augmentar o pessoal. Ora, o emprego das machinas não faz que haja

menos capital empregado na produção; pelo contrario, como a invenção de uma machina é lucrativa, amplifica o seu emprego o capital. Mas o acrescentamento do capital augmenta a busca do trabalho, porque, abundando as riquezas n'um paiz ha maior numero de necessidades a satisfazer. Em resumo, a applicação das machinas desenvolveu immenso o capital applicado á industria, e ficar-se-ia abaixo da verdade, dizendo que ha um seculo o tornou dez vezes mais consideravel. Por isso a industria occupa maior quantidade de braços que antes da sua introdução. A experiencia das regiões onde o emprego das machinas é mais vulgar, que na Belgica, como a Inglaterra e a Allemanha, prova quanto os receios da escassez do trabalho são exaggerados; justifica sobretudo quanto a condição das classes laboriosas melhorou depois da sua applicação, quanto concorreram para que participassem da prosperidade que resulta da presteza com que encontrâmos as commodidades, de que d'antes eramos privados ou que compravamos em pequena porção. Das machinas derivam pois productos abundantissimos, do que provém o desejo de aproveita-las, com a certeza da grande copia de objectos pela mesma importancia.

Julga-se que com ellas só lucra o fabricante. É grave erro assim julga-lo, porque todos d'ellas utilisam. A exuberancia cria a barateza, porque torna a offerta superior á procura. A barateza offerece aos operarios a possibilidade de fornecer-se do que d'antes não alcançavam. Eis o que determina o grande exito das machinas, fundado no augmento do consumo; sem ellas não haveria meio de prover ás despezas que o seu estabelecimento necessita. Hoje, repetimo-lo, o humilde operario obtem fato novo, decente e á moda. Os esfarrapados que ainda apparecem, são infelizes a quem o vicio, a imprudencia, ou circumstancias especiaes, reduziram á indigencia; sirva-nos ao menos de lenitivo ver que o seu numero mingúa de dia para dia. Os sadios e amigos do trabalho ganham sempre para o seu sustento e modesto vestuario. Parece pouco, porque já estamos acostumados; mas nem em todo o mundo se dá o mesmo, e entre nós até nem sempre foi assim. Um fabricante achar-se-ia hoje mal trajado, nutrido e abrigado, se o fôra como os antecessores ha duzentos a trezentos annos.

Por outro lado, o fabricante aproveita raramente só dos beneficios que promove a introducção de machinas no seu estabelecimento. Se avulta em lucros, applica-os em

dilatar o circulo dos seus negocios, e o operario participa d'este desenvolvimento laborioso. Indica a pratica que quando o proprietario se vae locupletando, ácha-se mais disposto a elevar os salarios, a conceder certas commodidades e a reduzir o numero das horas de trabalho.

Longe pois de vermos um damno nas machinas, contemplemo-las como um grande serviço que a intelligencia prestou ao homem condemnado a adquirir tudo pelo trabalho. Notem bem. Se a machina que minora a fadiga necessaria para produzir um artigo, e que permite produzi-lo com duas ou tres vezes menos esforço, fosse considerada nociva, o mesmo se havia de affirmar das outras machinas, porque têm identico fim: diminuir o trabalho e a fadiga. Quebrar-se-iam todos osapparelhos, porque resumem o trabalho; e como o que é exacto n'uma cousa, é exacto em todas as outras da mesma natureza, tanto as machinas simples como as complicadas deviam ser rejeitadas. Para haver coherencia, aniquile-se tudo que, sob qualquer titulo, encurta o labor ou evita o cansaço; destruam-se os utensilios e instrumentos, porque são machinas que economizam o trabalho ou o amenisam. Marceneiros, carpinteiros, serralheiros, alfaiates, sapa-

teiros, typographos, chapeleiros, ourives, tecelões, pedreiros, etc., convem supprimir o martello, a serra, a plaina, a lima, a bigorna, a agulha, a sovela, o componedor, o ferro, a pinça, a tenaz, o tear, a trolha, etc. Lavradores, terraplenadores, lenheiros, jardineiros, cumpre extinguir o carrinho de mão, a pá, o alvião, a enxada, o mangoal, a fouce e a charrua, porque estes instrumentos são machinas auxiliares que vem modificar o trabalho. Não o querem, sem duvida, e ninguem pensa voltar ao estado dos nossos primeiros paes, que rachavam a lenha com as mãos e cavavam a terra com as unhas, por não conhecerem as preciosas machinas que temos em uso. Conservemo-las pois com reconhecimento, e não commettamos a inconsequencia de approva-las quando nos convem, e de condemna-las quando nos desagradam.

Tudo isso é muito bom, dir-nos-hão ainda. Falta destruir a objecção capital que exhibem todos os trabalhadores, a saber : que as machinas roubam trabalho aos operarios, os quaes vieram supplantar. Fazem-se d'estes raciocinios quando as introduzem n'uma industria, pelo leve transtorno e mudança que occasionam.

Verdade é que uma machina nova opéra

deslocação de trabalho, e que o tira momentaneamente aos obreiros que suppre. Eis com que armam ao effeito. As machinas, porém, não supprimem o trabalho, porque augmentam o capital da sociedade. Dizem-o e repetem-o quando tratam de haver machina nova. Mas a asserção é sempre desmentida pelos factos. Propalaram-o por occasião do invento dos teares de malha, e todavia ha hoje mais gente empregada no fabrico das meias, do que quando havia meieiras, porque na actualidade todos as calçam. Disse-ram-o quando os tecidos mechanicos substituiram o labor manual, e presentemente a fição mechanica dá vinte vezes mais trabalho, como nunca deu a roda de fiar e o fuso, porque todos nós nos provemos da preciosa lençaria quasi desconhecida a numerosas classes. Assoalharam-o quando ha quatro seculos a descoberta da imprensa veiu supprimir a industria dos copistas, e annos depois a imprensa occupava cem vezes mais artistas que a idade media empregára de copistas. Divulgaram-o recentemente quando o prélo mechanico conquistou o logar do prelo manual, e ao presente, tendo a barateza generalisado os livros e jornaes, e favorecido a propagação do ensino, empregam-se mais artistas em todas as impressas do

que se empregavam ha vinte e cinco annos.

Em certo dia ouvimos um operario fulminar as machinas; jurava que jamais se serviria dos seus productos, porque as considerava como uma calamidade para as classes productoras. Sabendo que n'esse mesmo dia elle tinha de partir para Antuerpia, perguntámos-lhe que via escolhêra.

Que pergunta essa! respondeu; vou no caminho de ferro?

Porque preferiu então o caminho de ferro?

Porque se vae mais depressa, e se concluem os negocios com presteza, voltando em breve para a nossa occupação.

Assim é e assim o julga, não é verdade? Mas o senhor sabe que a locomotiva é uma machina!

Não me lembrava d'isso, replicou. De ora em diante abster-me-hei de fallar contra as machinas!

XI

Das associações, das suas vantagens e inconvenientes

No seu excellente livro *Conselhos aos operarios*, o sr. Th. Barrau consagrou a este assumpto algumas paginas, que os artistas

não lerão sem proveito, e das quaes faremos alguns extractos.

Acontece ás vezes que obreiros da mesma industria se associam para tirar vantagens dos seus talentos. Em logar de receberem de um chefe o salario fixo e de estarem sob a sua dependencia, auferem a quarta parte do que rendeu o trabalho commum, e só dependem da associação, isto é, de si proprios.

Ao primeiro aspecto estas empresas têm alguma cousa de seductor; lisonjeiam o amor da igualdade, tão ingenito aos homens; annullam o lucro que o dono sobreleva aos operarios, e com elle augmentam o salario devido ao seu trabalho.

Mas estas duas vantagens serão tão reaes como especiosas? Ha motivos para duvidar.

Em primeiro logar duvidámos que seja real a satisfação que se experimenta na officina em correr parelhas com todos. Onde ha reunião de homens, a subordinação é necessaria. Iguaes no restante, são obrigados a reconhecer jerarchia no trabalho; convem obedecer ao director, ao contramestre, qualquer que seja o seu nome, pertença ou não á associação; e emquanto está na officina, prevalece a subordinação. Fóra da officina cessa ella, sejam ou não associados. Não ha

mestre que se julgue com direito sobre o official fóra das horas do trabalho. Dá-se entre elles, ante a lei como perante Deus, igualdade perfeita. Convimos que o operario necessita do chefe, mas o chefe tem talvez mais precisão do habil operario, e tanto este conhece essa necessidade, que o faz algumas vezes duramente sentir.

Sobresáe pois a igualdade por primeira vantagem das associações operarias. Esta vantagem, como se vê, é quasi insignificante.

Quanto á segunda, haverem a mais os operarios o lucro do empresario, seria realmente importante se não fóra contrabalançada pelos inconvenientes que vamos mencionar.

Effectivamente, percebendo os lucros, acceitam tambem as eventualidades de riscos e perdas. Ora é evidente que, para prevenir os riscos e perdas, será mais efficaz a attenção vigilante de um chefe unicamente preocupado d'este objecto, do que os esforços disseminados de cincoenta pessoas, divididos entre a vigilancia geral dos negocios e a tarefa particular votada a cada um. Na associação é para temer, ou que o conjuncto dos negocios soffra, ou que o trabalho particular não seja o que poderia ser. É até possível que

a parte e o todo soffram igualmente. Se, para obviarem a este embaraço, os operarios de entre si elegerem directores, sub-directores e escripturarios isentos de outra applicação, o estipendio d'estes membros do estado maior absorverá quasi os lucros que haveria o empresario, e é para duvidar que a administração d'aquelles fosse tão esclarecida.

Nem sempre se faz cabal idéa ácerca dos lucros de um chefe de industria, e do extremo cuidado com que dirige as suas operações na estreita linha que separa o bom exito da ruina.

Tomemos para exemplo uma forja.

Supponhamos que um mestre de forjas, depois de ter durante um anno trabalhado pertinazmente e feito trabalhar os seus forjadores de noite e dia, ganhou a final 15:000 francos (2:700\$000 réis). Como realisou este lucro? Vendeu por 400:000 francos (72:000\$000 réis) o ferro ou a fundição que fabricou, e para esta obra conseguiu despendar sómente 385:000 francos (69:300\$000 réis). Vê-se que é perigosa tão complicada operação. Se o dispendio da fabricação se elevasse um pouco, ou se a venda dos productos se não podesse realisar nas condições requeridas, lá se ía o lucro dos 15:000 francos.

Ainda não é tudo. Ha annos infelizes, em que, apesar dos seus esforços, o mestre de forjas, longe de realisar lucros, soffreu perdas inevitaveis. Não ganhou os 15:000 francos. No anno seguinte, favorecido por melhores circumstancias, adquire 45:000 francos (8:100\$000 réis) e salva-se. Reparou o desastre; mas porque? Porque tinha um capital sufficiente, e o revez soffrido não abalou o seu credito. Imaginemos que não possuia esse capital; achava-se então com 15:000 francos de menos nas suas operações, seguia-se a quebra, e o seu estabelecimento ficava aniquilado.

Eis a sorte a que se expõem os operarios que se associam, e que só podem offerecer em commum a sua industria, porque não dispõem de capitaes assás avultados para affrontar as eventualidades.

Se tiverem capital mas pouco consideravel, exaurir-se-ha logo ao primeiro infortunio; se o não tiverem ser-lhes-ha impossivel, ainda nas conjuncturas favoraveis, resistir á concorrencia que lhes farão os capitaes das empresas rivaes.

A ausencia dos capitaes necessarios a sustentação de uma grande empresa constitue pois a enorme difficuldade das associações operarias.

Outro inconveniente, tão grave quasi como este, provém da associação considerada em si mesma, isto é, da reunião de homens, cujas vontades e habilitações nem se igualam nem se identificam.

É difficil confundir completamente n'uma só todas aquellas almas. Importa todavia que um só espirito presida a tudo, e tudo anime. A disciplina estabelece assim o seu imperio.

Quando os homens se reúnem para cooperarem n'uma obra commum, a primeira condição de prosperidade, condição essencial e indispensavel, é a manutenção de activa disciplina. Sem a disciplina que cinge n'um feixe todas as vontades, que desfaz as resistencias, e ante a qual a inercia e incapacidade não encontram nunca desculpa, desaparecem a ordem e a economia. Subsistirá a disciplina onde os homens, que a infringiram, se arvoram em seus proprios juizes? Sustentar-se-ha onde não domina um chefe unico e responsavel? Duvidâmo-lo. A associação operaria não caminhará sob a propria direcção como caminha a reunião formada dos mesmos homens, sob a direcção de um empresario, cuja honra e interesses estejam empenhados no bom exito dos negocios.

Figuremos um regimento composto de

soldados que se reunissem em conselho, para deliberarem e transmittirem ordens, e que dominavam os proprios officiaes; ponhamos este regimento em linha de batalha diante de um exercito regularmente commandado: de antemão se indicará os que hão de soffrer a derrota. Que succederia a um collegio que não tivesse reitor, e fosse dirigido por uma associação de professores? Provavelmente não conservaria por muito tempo a confiança das familias.

Os primeiros dias de uma associação são sempre attrahentes e maravilhosos. Os associados sentem-se animados do primeiro ardor, e tratam de manter mutuamente favoraveis relações. Alcançam então resultados que, se podessem durar, teriam alguma cousa de miraculosos. O ardor, porém, vae esfriando gradualmente, quando não esfria de um jacto, e a lua de mel d'este consorcio de interesses eclipsa-se bem depressa. Revela-se cada um tal qual é realmente e sem reboço; imperam indole e costume, e emquanto os homens laboriosos e probos continuam a trabalhar com dedicação, alguns dos companheiros entregam-se á indolencia, que a lei da associação não pune precisamente, apesar de offendido o seu espirito, e que immerge no abatimento e na confusão o complexo dos

trabalhos. Que se ha de fazer então? Um mestre não hesitaria. Distinguindo pela experiencia os verdadeiros mandriões, e não tendo a quem dar contas, bastava-lhe dizer: « O senhor não me convem; queira procurar trabalho n'outra parte. » — Mas entre associados e iguaes não póde haver tal severidade. Para excluir um companheiro, cuja negligencia prejudica o trabalho commum, reque-rem-se provas que nem sempre se podem apresentar. Sabe-se a facilidade com que um operario mal intencionado, assim como um escolar preguiçoso, perde muito tempo, sem comtudo cruzar os braços. O associado conserva pois os seus direitos, não obstante o desleixo que lhe reconhecem, sem ousarem comprova-lo ou condemna-lo; gosa o fructo do desmazelo, e não se envergonha de participar do que os seus companheiros tão assiduamente adquiriram.

Qual é, por outro lado, a posição do operario diligente? Ligado assim a madraços, de balde lida, se afadiga e se esfalfa; conhece-o a final, e maldiz então a imprudencia pela qual se comprometteu d'esta maneira. As vezes, por excesso de zêlo, encarrega-se do pesado fardo que a outros incumbia; deseja o bom andamento da obra, por ella se apaixona, e acaba por succumbir martyr da sua dedicação.

XII

Da previdencia e das associações de soccorro mutuo

As causas ordinarias da miseria do operario, as que o impellem a um combate continuo, que começa na adolescencia e finda na campa, são de certo as enfermidades e a carestia das subsistencias comparativamente com o preço da mão de obra.

Para debella-las ha dois meios principaes : a caridade alheia e a previdencia pessoal.

O primeiro meio rabaixa o artista aos seus proprios olhos ; justifica-se sómente pela extrema penuria, resultando de um concurso de acontecimentos excepçionaes.

O segundo honra e eleva o homem, marca a extensão do seu poder como ente civilisado, e facilita-lhe gozos e ditas reaes.

Interroguem o obreiro honrado mas imprevidente, que, chegado ao termo de uma existencia de lida incessante, vê-se constrangido a mendigar, e dirá quanto é amargo o pão da caridade !

Interroguem o artista que se preveniu para os dias do infortunio, para os revezes que podem acommette-lo, e dirá quanto são doces os fructos da previdencia !

O primeiro maldirá de ordinario a organi-

sação social que o obriga a mendigar, esquecendo-se talvez que só a si devia attribuir sua desgraça e abatimento.

O segundo se regosijará da sua previdencia, que o livrou da miseria e lhe suggeriu idéas de ordem e acerto, que lhe servem de salvaguarda na escabrosa vereda do trabalho.

Dois meios se offerecem ao operario para pôr em pratica a previdencia :

- 1.º A economia individual;
- 2.º A associação das suas economias á dos seus camaradas, para melhor arrostar os accidentes e calamidades que venham a attingi-lo.

Um dos meios personifica-se na caixa economica, e o outro na sociedade de soccorros mutuos ou na associação de previdencia. A muitos respeitos é preferivel a ultima á primeira.

Citam-se as seguintes vantagens :

- 1.ª As que a união procura em tudo;
- 2.ª A emulação;
- 3.ª A troca de boas relações e de serviços amigaveis entre os associados;
- 4.ª O incitamento á ordem e ao bom comportamento, indispensaveis para pertencer a uma sociedade de soccorros mutuos;
- 5.ª E finalmente a obrigação de persistir nas idéas de previdencia, sob pena de perder

todos os direitos que se hajam adquirido.

Estas vantagens foram tão bem comprehendidas na Belgica, que hoje conta perto de trezentas e cincoenta sociedades de soccorros mutuos, estabelecidas nas cidades e communas do reino, com mais de quarenta mil socios (1).

Calculando em 1 franco (180 réis) por mez e por membro a contribuição dos socios, que em geral é destinada exclusivamente aos soccorros em caso de doença ou desastre, chega-

(1) N'estes Algarismos não se comprehendem as principaes instituições de previdencia, fundadas com o concurso das auctoridades, e cujos resultados têm outro alcance. Limitando-nos ás seis caixas de previdencia, creadas em favor dos mineiros, lembraremos que só ellas contam oitenta mil socios. Em 1860, por exemplo, elevou-se a sua receita a perto de 2.000:000 de francos (360:000 \mathfrak{D} 000 réis), e o total dos soccorros distribuidos ás viúvas, aos orphãos, enfermos e inhabilitados excedeu 1.500:000 francos (270:000 \mathfrak{D} 000 réis). Apesar dos consideraveis encargos, as caixas de previdencia dos mineiros contam ao todo uma reserva de 2,500:000 francos (450:000 \mathfrak{D} 000 réis). Que immensos beneficios não ha de derramar semelhante instituição! Quantos mineiros, ha pouco tão desgraçados pelos accidentes que os investiam cada dia, lançando a familia em horrenda angustia, não devem estar reconhecidos ás pessoas generosas que concorreram para a criação e para o desenvolvimento d'essa poderosa associação reparadora de tantos desastres occasionados pelos seus trabalhos arriscados!

se á quantia de 480:000 francos (84:400 \$000 réis) distribuidos cada anno nos diversos soccorros pelos proprios operarios aos seus companheiros.

Este resultado, tão notavel já pelo lado material, porque allivia os cofres publicos e até a caridade particular de encargos com que as aggravaria a ausencia da previdente mutualidade, muito mais se avantajaja ainda pelo aspecto moral.

Por via de regra, temos como certo que os socios de uma associação de soccorros mutuos ou de previdencia são homens empregados, operarios laboriosos e probos. A filiação n'estas corporações torna-se um privilegio de moralidade e até de capacidade, e, sob este duplo titulo, offerece aos proprietarios da officina as melhores garantias que requeiram dos obreiros que associam, por assim dizer, á gerencia, dos seus negocios. Alem d'isto, a tranquillidade que inspira ao artista, livre das desastrosas eventualidades que acarretam as enfermidades e suas consequencias, assume tambem valor, e está convidando o operario não associado a vir aproveitar-se dos beneficios que facultam estas instituições.

A alta importancia das sociedades de soccorros mutuos tem sido por toda a parte apreciada na sua justa valia. Em França, o

barão de Gerando, em Inglaterra, o sr. Morton-Eden, nos seus optimos escriptos sobre a beneficencia publica e a situação dos pobres, comprazem-se em asseverar que não ha exemplo de que o membro de uma sociedade de previdencia se tenha apresentado nos escriptorios de beneficencia, para ser inscripto nas listas dos soccorros domiciliarios.

Na Belgica tomaram estas sociedades fórmas multiplices : umas dão soccorros pecuniarios no caso de doença ou desastre, fazem o enterro ou indemnizam a sua despeza, e estendem ás vezes até á familia dos consocios os cuidados da medicina; são as sociedades de soccorros mutuos propriamente ditas. Outras tem por fim a compra commum das provisões de inverno, do vestuario, das ferramentas, etc.; são associações ditas de *previdencia*. Outras ainda, mais circumspectas, abrangem no seu circulo de operações a filiação dos seus membros na caixa geral de deposito, fundada pelo estado.

O exito que encontra no nosso paiz esta fórma previdente justifica-se plenamente pelos seus visiveis effeitos. Seja licito dizer, como rarissima excepção, que o bem está longe de se confundir com o mal n'estas instituições, quando são sabiamente administradas. Os soccorros fornecidos pela mutua-

lidade, tendo como recurso o trabalho, em nada participam dos vexatorios resultados da caridade que, exercendo-se com mais ou menos discernimento, estabelece a miudo a excitação á ociosidade e ao vicio. Não se receia o mesmo com as sociedades de soccorros mutuos; despertam os bons instinctos do homem, favorecem n'elle os habitos de ordem e previdencia; ao mesmo passo que melhoram a sua condição material, tornam-o moralmente superior; e, chamando para o seu gremio membros honorarios, estas beneficentes instituições multiplicam a convivencia, os pontos de contacto entre as diversas classes sociaes, e lhes inspiram reciprocos sentimentos de sympathia e confiança. Tocante solidariedade em que os homens aprendem a soccorrer-se, a amparar-se, como filhos da mesma familia, no cumprimento do pesado encargo que compete a cada um! A associação de soccorros mutuos é das mais bellas e fecundas instituições que honram o nosso seculo, precisamente porque permite aos desherdados da fortuna receberem sem corar a quota parte de um capital que concorreram para formar.

Mas se o espirito de previdencia, o ponto de partida e o seu fim, têm benefica influencia na condição material das classes

laboriosas, não a tem menos efficaz para a sua moralisação. Seguro ácerca do seu porvir o operario supporta resoluta a posição presente, inclina-se mais á benevolencia para com os seus iguaes, para com os que a fortuna favoneára. Possuindo alguma cousa, cessa de encarar com desconfiança as instituições no meio de que vive, e não julga necessaria a violencia como systema de melhoramento social. A sociedade de soccorros mutuos faz d'elle um soldado ordeiro, porque a ordem protege-lhe manifestamente os interesses. Pela admissão recobra animo, porque se exalta aos proprios olhos, porque sabe que na doença ou desastre é subtrahido á tutela sempre mais ou menos aviltante da esmola. O fim que se propõem as sociedades de soccorros mutuos corresponde pois completamente ás vivas preoccupações, ás aspirações naturaes dos homens de todas as classes que desejam assim o progresso moral, como o bem-estar material e a tranquillidade do paiz.

Assegurar ao operario enfermo os serviços do medico, os medicamentos e um subsidio que suppra o salario, e pelo seu fallecimento haver honras funebres, cova separada, e um acompanhamento de amigos e collegas que n'ella o depõem piedosamente, soccorrer até a sua viuva e os seus orphãos, eis, na ordem

material, as principaes vantagens que estas associações prestam a cada um dos seus membros em troca de uma tenue economia de 50 centimos a 1 franco (90 a 180 réis), descontada cada mez do producto do seu trabalho e lançada no cofre commum. Na ordem moral, têm por missão melhorar o homem; convidam o socio ao bom comportamento, a costumes sobrios; criam de algum modo uma solidariedade de honra, que obriga e retém o operario, elevando-o na sua propria consideração; sustentam a sua energia e perseverança, inculcando-lhe incessantemente o espirito de ordem, de previdencia, de economia, sem o que são inefficazes os esforços do obreiro, para attin-gir o modesto e duradouro bem-estar, objecto da sua legitima ambição.

Mais de 1:500 industriaes pertencem na Belgica a estas sociedades como membros honorarios, não sómente nos grandes centros, mas tambem nas localidades de certa importancia, como em Renaix, em Roulers, Ledeb-berg, Comines, e nas diversas communes da Flandres actual, do Hainaut e da provincia de Liége.

Por toda a parte comprehenderam a utilidade da junção de membros honorarios a estas sociedades, e a sua adherencia póde ser

solicitada sem inconveniente em todos os casos. As tentativas feitas para despertar entre as diversas classes de cidadãos os sentimentos odientos e invejosos, provam de quanta importancia é o favorecer tudo que as approxima e reúne. Releva não insistir no character da subscrição dos membros honorarios; longe de ser esmola, revela antes um signal de sympathia e de adhesão, que os operarios podem acceitar sem em nada comprometterem a sua dignidade.

Assim o comprehendeu a maior parte das sociedades de soccorros mutuos na Belgica. Não só se sentem honradas e animadas pela participação dos seus chefes e das pessoas benevolentes no seu louvavel empenho, mas tambem comprehendem os deveres que este concurso lhes impõe, deveres que têm como resultado definitivo a segurança do seu commodo e de sua prosperidade, e o premuni-las contra suggestões perfidas e contra as precipitações da ignorancia.

XIII

Da igualdade das condições sociaes

A igualdade das condições sociaes é sem duvida a mais deploravel chimera que póde preoccupar a imaginação dos operarios, como o seria tambem exigir o nivelamento do pensamento, das paixões, dos desejos, das aptidões, das idades, do que houvesse emfim de inexequível. E todavia a maior parte das revoluções, que ensanguentaram os annaes da humanidade, tinham por fito directo ou indirecto a realisação senão completa, pelo menos parcial, d'essa chimera tão fatal aos povos, e aos operarios em particular.

Supponhamos que ámanhã se effectuava uma divisão geral das riquezas publicas e particulares (e note-se que não fallâmos da inqualificavel injustiça que haveria de tirar aos que alcançaram certa commodidade á custa de fadigas, de tirar-lhes, dizemos, o fructo de aturado e penoso trabalho), como se executaria essa divisão? Igualmente, responderiam, dando tanto a um como a outro....

E não se havia de fazer distincção entre a creança de peito e o homem feito? Dar-se-ia tanto ao operario vigoroso, apto para se manter a si mesmo, como ao decrepito e paraly-

tico, incapazes de ganhar o pão quotidiano; como ao desditoso orphão desemparado sem recursos sobre as pedras da calçada? Em resumo, dar-se-ia parte igual ao operario feito e ao aprendiz, ao homem instruido e habil e ao estúpido, ao homem laborioso e applicado e ao mandraço, prodigo, dissoluto?

Talvez, replicariam; graduar-se-ia a divisão por essas distincções....

Mas aonde estava então a igualdade?

E depois quem havia de fazer esta divisão? Chamar-se-iam curadores, mestres, pessoas emfim mais elevadas que o commum dos homens?

Onde estaria então a igualdade?

E no caso de resistencia, resistencia inevitavel, que meio se empregaria para arrebatarao proprietario o que elle possue?

A força? Mas quem lhes assegura que estaria do seu lado?

Concedamos que conseguem retalhar e destruir o capital que alimenta o trabalho; como hão de recompo-lo?

Depois de terem abatido o rico, repartindo-lhe as riquezas, a que chegariam a final? A igualdade da miseria!

Admittindo em seguida a remuneração proporcional e equitativa do trabalho, a acção da previdencia e economia, as differen-

ças que resultam natural e forçosamente da diversidade das habilitações, tocariam inviolavelmente na reconstituição do capital, na distincção dos ricos e pobres; depois de terem girado n'um circulo vicioso, acariciado uma chimera e semeado o caminho de injustiças, lagrimas e sangue, voltariam por necessidade ao ponto de partida, á reconstituição do que existe hoje, á desigualdade que avulta na natureza das cousas, na essencia da sociedade, como nos designios do Creador.

Asseverámo-lo com profunda convicção, n'esse trilho haviam de topar a cada passo com uma impossibilidade ou um absurdo.

A igualdade das condições sociaes é o nivelamento da morte. A igualdade irrefragavel e possivel está só na justiça uniformemente applicada a todos.

Mas se a diversidade das posições e hierarchias é necessaria socialmente, cumpre tambem que o homem, seja qual for o lugar em que o destino o colloque, haja luz, pão, vestuario e abrigo. A sociedade, considerada no seu sentido racional e humano, não póde manter-se e prosperar sem esta condição.

Mirem a este alvo os esforços dos operarios, porque com a igualdade que muitos imaginam não haveria sociedade possivel; quereriam todos mandar, e ninguem obede-

cer. Não podendo o inepto elevar-se até ao homem de intelligencia, teria este de descer até ao inepto. Seria o aniquilamento completo do progresso, a condemnação dos povos á escravidão perpetua e ao profundo e completo aviltamento.

Aos que nos fallam de igualdade e communismo respondemos:

Raciocinemos. Consentirá porventura o operario habil e pundonoroso em repartir os 3 francos (540 réis) que ganha por dia com o calaceiro que só vem á officina quando não póde deixar de ser, ou com o aprendiz, cujo salario é de 50 centimos (90 réis) diarios ?

Evidentemente que não !

Pois esta resposta tão simples é a condemnação completa do seu systema imaginario.

A origem commum da riqueza ou pelo menos do conforto são o trabalho e a economia. Um homem é activo e intelligente, trabalha quanto as forças lh'o permittem, evita toda a despeza inutil, e consegue assim ajuntar um pequeno peculio. Se os seus filhos praticarem o mesmo, ao cabo de algumas gerações a sua familia virá a ser rica. Ha de acaso contestar-se-lhe o direito de gosar esta fortuna, e obriga-lo a dividir com o imprevisi-

dente que passou na bodega e na folia o tempo que os primeiros aproveitaram? De certo que não, porque seria o remate da loucura, a condenação das idéas de justiça e de moral recebidas desde o principio do mundo!

Não insistimos n'este ponto nem desejamos injuriar ninguém, suppondo que, depois de meditar nas simples e breves observações que acabâmos de expender, não abjure dos erros funestos que o obcecaram, e não repilla, como perfidos e crueis inimigos, os que quizerem captá-lo com a phantasiosa igualdade, propria sómente para avivar nos corações os germens de odio e de discordia, calumniando a sociedade e as suas instituições.

XIV

Do jogo, da intemperança, da devassidão e das suas
consequências

O habito do jogo, a devassidão e a libertinagem são vicios que degradam profundamente o homem, qualquer que seja a sua posição, na escala social, e que o arrastam em rapido declive para a miseria, e algumas

vezes para o crime. É para sentir que os exemplos multiplicados d'este aviltamento physico e moral sejam a miudo perdidos, e que não hajam contribuido para diminuir o numero dos desgraçados, cuja existencia está para sempre compromettida por essas funestas paixões. E felizes ainda quando não empenham senão a propria existencia! Mas (ainda mal!) a familia, a esposa, os filhos são sempre as primeiras victimas do seu desregramento. Lembramo-nos de haver lido que um rico amava o jogo. Os conselhos dos parentes e amigos, as perdas consideraveis que havia soffrido, os prantos e as representações de sua mulher, a affeição que tinha pelos filhos, nada pôde rete-lo á beira do precipicio. Jogou quanto possuia, e recolhendo uma noite para casa, disse com desespero a sua mulher: — « Levanta-te, desgraçada! a cama, em que te deitas, já não te pertence! »

O jogo, porém, é innocente como simples passatempo. O homem não pôde trabalhar aturadamente; necessita repouso e distracções, sem o que succumbiria depressa sob o peso do incessante labor que o opprime e dos diversos cuidados que o circumdam! Como abaixo veremos, é justo que o operario, depois de ter estado preso uma semana toda na officina ou na fabrica, dê um longo passeio

ao domingo, e vá respirar o ar puro e salu-
fero do campo ou jogue com os companhei-
ros a bola, o chinquillo, a pella ou a conca.
Estes jogos são exercicios uteis á saude, espe-
cialmente para os que desempenham profis-
sões sedentarias, como os sapateiros, os
alfaiates, etc., e desenvolvem alem d'isto a
elasticidade dos membros e a força do corpo.
Mas os jogos que se devem prohibir, e que
infelizmente mais attrahem os obreiros, são
as longas partidas de cartas, onde a mente
se absorve sem cessar, e se trata de ganhar ou
perder dinheiro. E se ainda se contentassem
com uma ou duas partidas, e não arris-
cassem senão uma quantia diminuta, vá!
Porém não. Affincam-se ao jogo, e, o que é
peior, empenham-se no jogo forte, isto é;
param quanto possuem. Se perdem (e quem
é que não perde ?), vão-se todos os recursos,
e a miseria é imminente. Voltam para casa
com o desespero n'alma, por haverem em al-
gumas horas gasto inutilmente o dinheiro
adquirido durante uma semana. E depois
que amargas censuras da parte da mulher, e
às vezes até dos filhos, que accusam o pae de
deixa-los á mingua para ir satisfazer a sua
paixão! Que enfado e que vida tão insup-
portavel!

Não é tudo. Esgotados os ultimos recur-

sos, tentam as cartas ainda, compromettem o futuro, e da miseria passam ao crime ou terminam pelo suicidio. Que de exemplos d'esta verdade! E quanto se não deve applaudir o governo sabio e liberal, saído dos acontecimentos de 1830, por ter abolido entre nós as casas de jogo, as differentes loterias, os medonhos abysmos onde iam precipitar-se o fructo do trabalho e das privações do operario, bem como o pão da esposa e da prole!

Nunca deixem portanto o trabalho pelo jogo. Fugam, como da peste, dos que estão sempre a convidar para esta ou aquella partida. O meio facil de se eximirem á tentação é não se jactarem de ser fortes ao jogo, ou antes pretextar ignorancia absoluta d'este genero de divertimento. Por tal modo resiste-se ás provocações de jogatina nas officinas, que o falso orgulho induz algumas vezes, senão sempre, a acceitar. Lembrem-se que n'este caso ganhar ao jogo é perder; perde-se o tempo, a consideração, a saude, e quasi sempre o trabalho!

A paixão da embriaguez é mais commum, não menos funesta, e tão condemnavel como a do jogo. Muitos operarios entregam-se ao uso das bebidas alcoolicas, origem de fecundos males, como a pobreza, o embrutecimento, as enfermidades e até os crimes. As excepções

não alcançam os infelizes artistas, que só procuram remedio á triste condição no uso frequente da cerveja e sobretudo da genebra, cuja barateza os convida, e assim não fazem naturalmente senão augmentar a sua penuria. Apenas recebem alguns centimos, vão logo emprega-los na tasca. Quanto mais bebem, mais vontade têm de beber, e em breve a rasão se lhes perturba. A embriaguez é em si mesma um estado desprezível, porque priva o homem das nobres faculdades de que foi dotado, e o expõe ao riso e aos insultos dos seus semelhantes. O ebrio está sempre disposto a implicar com os seus melhores amigos, toma tudo ao inverso, é incapaz de attenção, falta-lhe a memoria e juizo, torna-se irresoluto, timido, ou outras vezes tão mau e cruel quanto é cobarde; commette baixezas para satisfazer a insaciavel paixão que o aperta e domina. Pesam-lhe as horas da madrugada, e até ao fim do dia sente-se indisposto sob o influxo d'esse estimulante, que a final se lhe torna indispensavel, que o conduz inevitavelmente ao asylo de mendicidade ou ao hospital, e, em todo o caso, a uma morte prematura (1).

(1) Em agosto de 1863 quasi todos os jornaes publicaram a seguinte nota :

No anno passado, pelo S. Miguel, 94:908 pessoas (200

Ponderem bem. A embriaguez tambem custa dinheiro, e em geral absorve o que é destinado ao governo da casa; primeira perda e soffrimento que á familia se suscitam. Emquanto se bebe não se trabalha nem ganha; segunda perda, novos desgostos para a mulher e os filhos. Passada a embriaguez fica pesada a cabeça, entorpecidos os membros, e perdido o animo para continuar o trabalho; terceira perda para si e para os seus. Não é tudo. Como os chefes não querem contas com os obreiros intemperantes, empregam-os o menos possivel; e por isso o ebrio cáe na indigencia sem despertar a piedade de ninguem. Todos o evitam, até os

por dia) compareceram nos tribunaes de Inglaterra pelo facto de embriaguez: 63:255 foram reconhecidas culpadas. A maioria foi apenas admoestada, mas perto de 7:000 foram condemnadas a prisão. Ha portanto grande augmento sobre o anno precedente, durante o qual só 82:196 pessoas foram accusadas de embriaguez, e 54:123 incursas na pena. No numero total dos réus do ultimo anno havia 22:610 mulheres, e mais de 10:000 foram julgadas culpadas. Quanto ao anno de 1862, o *coroner* (official de justiça em Inglaterra), dá como averiguados, 211 casos de morte por ebriedade, sendo 145 homens e 66 mulheres.

Possa este sinistro catalogo abrir os olhos aos infelizes que se entregam á bebida, e incita-los a combater com valor uma paixão que tão espantosos resultados occasiona!

mesmos collegas, dizendo: « Se está n'esse estado, a culpa é d'elle ; não bebesse tanto ! » Conhecemos muitos operarios que, de homens probos e habeis que eram, caíram, por terem contrahido tão pessimo vicio, na mais horrorosa degradação, e foram morrer ou conservam-se ainda no asylo de mendicidade. Eis a sua historia, historia tão real como afflictiva, que de um rasgo acabâmos de traçar.

Resistam pois com energia ás suggestões dos maus companheiros que os induzem a preferir a baiuca á officina, e tentam persuadi-los, quanto possivel, ás deploraveis consequencias do seu procedimento, e se, de longe em longe, conseguirem desviar um d'este fatal caminho, regosijem-se, porque n'esse caso terão praticado uma bella e nobre acção!

Para combater o mal indicado, permittam-nos lembrar-lhes um remedio excellente, que hoje se pratica em muitos paizes, principalmente em Inglaterra e America. Referim-nos á *sociedade de temperança*, cujos membros, convencidos das terriveis desgraças produzidas pelo uso immoderado das bebidas fortes, comprometteram-se sob palavra de honra de abster-se d'ellas completamente quando entram na sociedade. Não chegariam dez volumes para descrevermos os optimos e

beneficos resultados obtidos por estas instituições, que contam já muitos milhões de adherentes, mas que infelizmente ainda não foram estabelecidas na Belgica.

E todavia o numero infinito de tabernas comprova claramente quanto aquellas sociedades seriam uteis, senão indispensaveis. Vejamos.

Em 1860, a Belgica não contava menos de 57:000 tabernas, isto é, 1 taberna por 78 habitantes em grande e pequena escala!

Tomaremos a media geral, que é o melhor lado da medalha. Ha districtos onde o numero das tabernas é tão consideravel, que se estremece ao pensar nas consequencias diarias que hão de occasionar.

Alguns annos ha que a commissão da caixa de previdencia, fundada a favor dos mineiros, em Mons, consignava n'um excellente relatorio, pouco conhecido, os funestos resultados da multiplicidade das tabernas nas communas centros das principaes minas de carvão de pedra, e apresentava a este respeito os seguintes algarismos, que ninguém contestou e que demonstram toda a extensão do mal :

Jemmapes..	278 tabernas, ou 1 por 17 habitantes.
Dour.....	.. 283 » 1 » 22 »
Cuesmes...	. 122 » 1 » 22 »

Quaregnon	194	tabernas, ou 1	»	24	habitantes.
Warquignies..	42	»	1	»	27
Wasmes..	161	»	1	» 36
Boussu.....	87	»	1	»	38
Élouges.....	55	»	1	»	42
Hornu.....	86	»	1	»	43
Frameries.....	185	»	1	»	48
Pâturages.....	141	»	1	»	48
Eugies.....	28	»	1	»	36

O uso moderado da cerveja e sobretudo dos licores importaria de certo o encerramento de dois terços d'essas tabernas, e asseguraria a paz e a prosperidade em muitas familias, hoje divididas e desgraçadas pelas faltas e criminosa fraqueza do seu chefe.

Tentaremos agora, por uma citação escolhida ao acaso, expôr quaes são os fructos da libertinagem e dos costumes vergonhosos. Indicando a voragem, para que a evitem, desejâmos que toquem de perto as chagas repellentes que provocaram o castigo de Deus sobre cidades inteiras, e se premunam assim contra um perigo que, se os não ameaça directamente, está de continuo suspenso sobre a cabeça dos seus filhos.

« O libertino, diz o sr. Leuillier, na sua *Philosophia moral*, absorve-se inteiro na sua paixão; só por ella pensa, vê e escuta. Decresce-lhe a bolsa todos os dias, e em breve será esgotada, porque, ás mulheres que

frequenta, não convem amor, mas o oiro. Não pára, porém, nas despesas insensatas. Perde a reputação, sabe-o, porque toda a gente se separa d'elle; mas que importa! e afunda-se cada vez mais no tremedal do vicio. Sente debilitarem-se-lhe as forças e alterar-se-lhe a saude; o menor excesso o perturba e enferma, embora! e continua no mesmo genero de vida, expondo-se a doenças vergonhosas e difficeis de curar. É o devasso que lança a desordem nas familias, que provoca a maioria das pendencias, que torna malfeitor um homem naturalmente bondoso. »

Não é menos sensivel o quadro que o mesmo auctor apresenta dos costumes devassos.

«Vêem-se a cada passo, diz elle, homens tão depravados, que se vangloriam da sua devassidão e de haverem seduzido muitas mulheres; mas os costumes viciosos de que trato têm o que quer que seja de tão repugnante, que os que a elles se entregam não ousam dize-lo a ninguem, e buscam sempre occulta-los a si proprios. Conhecem que prejudicam a sua dignidade de homens, e que semelhante declaração os constituiria por justo motivo despreziveis...»

Façam votos ao céu para que os livre para sempre d'essas sinistras propensões. Desve-

lem-se sobretudo em que os seus filhos não possam contrahi-las; ao menor symptoma, combatam resolutamente e por todos os meios esse vicio, cujas funestas consequencias patenteámos, e que tão facilmente se contrahe.

Resta-nos manifestar, pelos resultados estatisticos extrahidos da situação administrativa do reino durante os ultimos annos, a influencia dos vicios, que acabámos de enumerar, sobre a criminalidade e os suicidios.

Nas 5:000 condemnações proferidas nos tribunaes da Belgica, de 1850 a 1859, provou-se que 250 homens e 70 mulheres, total 320 accusados, eram de nascimento illegitimo. Provou-se igualmente que 250 accusados tinham filhos naturaes ou viviam amancebados. Se a estes Algarismos se juntarem cerca de 1:000 individuos votados ostensivamente á depravação, a quem esta, a intemperança ou a paixão do jogo conduziram aos bancos dos réus, chega-se á proporção consideravel de *um terço das condemnações* devidas a esses vicios deploraveis.

Até aqui referimo-nos ás consequencias da licença e devassidão dos individuos sujeitos á correição dos juizes superiores por offensas gravissimas; mas estas consequencias sobre-saem ainda mais das condemnações proferi-

das pelos tribunaes correccionaes, sob cuja jurisdicção cáem immediatamente as dissoluções indicadas. N'aquelle praso de 1850 a 1859 estes tribunaes pronunciaram perto de trezentos mil individuos, e não exaggeraria quem attribuisse metade d'este algarismo ás causas que apontámos.

Não fallámos aqui senão dos delictos propriamente ditos ou dos crimes sujeitos ao juizo correccional. Seria tambem para surprehender, se juntassemos a estes algarismos as condemnações pronunciadas pelos tribunaes de simples policia por factos da mesma natureza. Citaremos, porém, um exemplo. Durante aquelles dez annos, os tribunaes de simples policia proferiram mais de quatorze mil condemnações por desordens e palavras injuriosas ou congressos illicitos, devidos pela maior parte aos effeitos da crapula.

A estatistica das prisões offerece algarismos não menos eloquentes quanto á influencia do jogo, da intemperança e licença sobre os crimes. Nos seis mil e dezoito individuos encerrados nas cadeias centraes e penitenciaarias do reino, em 31 de dezembro de 1855 : 3:363 eram de má nota antes da sua condemnação;

766 tinham filhos naturaes, viviam aman-
4:129

4:129

cebados, ou davam-se á depravação antes de serem presos;

1:156 eram dados ostensivamente á embriaguez antes de serem encarcerados.

5:285 individuos, ou mais de nove decimos, cuja condemnação pôde ser attribuida a um d'esses vicios.

Mas relativamente aos suicidios os seus effeitos são mais sensiveis. Na relação das mortes violentas, que se averiguaram na Belgica nos annos de 1850 a 1859, vemos que em perto de dois mil e seiscentos suicidios, provou-se que a quarta parte quasi eram devidos á devassidão, á embriaguez, aos maus costumes.

Este numero consideravel de desgraçados, aos quaes a depravação impelle ao suicidio, leva-nos a apresentar aqui algumas reflexões. Muitos individuos julgam escapar pela morte á ignominia que os aguarda; pensam, em geral, que é prova de coragem attentar contra a vida, para apagar a nodoa que deixa sempre uma existencia criminosa e desregrada. Desenganem-se; é antes o acto de um insensato ou cobarde, porque precisa-se menos animo para arrojarse á agua ou enforcar-se do que para supportar pacientemente os

revezes, sobretudo quando ha a convicção de que se devem ás proprias faltas. A energia da alma consiste em lutar contra elles, em viver com os seus pezares, e triumphar d'elles pela perseverança em praticar o bem e pela resignação aos decretos da Providencia. O suicidio é uma loucura, porque os que se mataram, para se subtrahirem á vergonha, jamais recuperaram a reputação nem reconquistaram a sua honra. Pelo contrario tornaram-se mais despreziveis ainda, se é possivel; a sua memoria, ultrajada para sempre, é um objecto de continuo opprobrio para sua familia, e esta vergonha se perpetúa muitas vezes durante muitas gerações.

Verdade é que este criminoso attentado sobre si proprio póde tambem ser provocado pelo concurso de circumstancias desastrosas; a escassez de trabalho, o mau exito dos negocios, os desgostos domesticos e doenças incuraveis podem arremessar a esse lance extremo. Mas reflectam bem! Estão sem trabalho, dizem; a miseria vae avassalla-los e á familia. Todavia quantos desgraçados não se encontram em peor posição do que a sua! Conformam-se, buscam e acabam por achar alguma cousa. E a morte dará porventura pão á mulher e aos filhos? Pensem na horrivel posição que lhes preparam, na des-

honra com que vão polluir os que lhes pertencem; meditem no desprezo que envolverá desde então a sua memoria, e parem á beira do abysmo, porque a sua morte não pagará as dividas, nem restituirá o pundonor que perderam, por haverem faltado aos seus compromissos. Allegam os seus desgostos domesticos. Ora! e quem os não tem!? Julgam que o rico no seu palacio é menos isento d'elles? Porque a educação, as conveniencias, cujo escravo é, lhe impõem a lei, a dura lei de occultar os seus desgostos; porque o seu rosto dissimula os atrozes soffrimentos que dilaceram o seu coração, acreditam por isso que seja mais ditoso? Allegam enfim a sua doença e as feridas incuraveis. Mas lembrem-se dos doentes que enchem os hospitaes, reflexionem na horrorosa variedade de padecimentos que affligem a humanidade! Reparrem como se extingue a luz d'aquelles olhos, como estes membros se descarnam, como essas faces se tornam lividas, e os corpos se contorcem pela dor; examinem esta perna gangrenada, e aquelle seio devorado pelo cancro; assistam ás horriveis operações, que juntam mais um martyrio á destruição, e digam-nos com franqueza se a sua posição, por mais penosa que seja, será para comparar-se com a d'esses desditosos, que todavia

têm a coragem de esperar que Deus venha liberta-los dos padecimentos ?

O Creador prohibiu á creatura que attentasse contra a existencia. Só a elle, que deu a vida, compete arrebatá-la. Seja qual for na terra a posição de cada qual, esforce-se por melhora-la pelo bom procedimento e pela conformidade. Se triumphá, que de alegrias não experimentará mais tarde, por ter tido a coragem de atravessar as terriveis provações a que o operario está sem cessar exposto, quando a escassez do trabalho e as enfermidades vem acommette-lo. Se, pelo contrario, succumbe, será honradamente, com a consciencia de haver cumprido o seu dever até ao fim, com a doce consolação de se ter conservado homem de bem, e de se ter conduzido como verdadeiro christão.

XV

Das más relações e das leituras nocivas; da instrucção e das bibliothecas populares

Um dos actos importantes na vida é sem duvida a escolha dos amigos; este assumpto, portanto, é digno de toda a attenção.

« Caminhâmos frequentemente na vida, diz o sr. Leuillier, na obra já citada, esmagados sob o peso dos cuidados ou desgostos. A Providencia, sempre boa para nós, não quiz que ficássemos sem amparo; deparou-nos a amisade. Um amigo verdadeiro é um dos maiores bens; junto d'elle encontrâmos incentivos, suave conforto e conselhos desinteressados; participa dos nossos dissabores como dos nossos prazeres, e mostra-se mais assiduo á cabeceira do nosso leito do que á nossa mesa. Apoiando-nos no seu braço, caminhâmos juntos; tornam-se então menos sensiveis as escabrosidades da estrada e as fadigas da viagem. Mas para que a amisade proporcione estas vantagens, convem que tenha por base a virtude, porque sem ella não ha amisade perduravel; ter-se-hão collegas e conhecidos, mas não verdadeiros amigos. Logo, a primeira punição dos que se affeioam a pessoas viciosas é a de não conhecerem a amisade. Tarde ou cedo quebram-se estes laços, que se formaram por entre prazeres peccaminosos; recusam-se os serviços pedidos, descobrem-se os segredos confiados, e cada qual se afasta do que caiu na miseria.

« Não é tudo. Todos conhecem o proverbio que exprime uma verdade comprovada pela

experiencia de todos os dias: « Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens. » É difficil, com effeito, conviver com uma pessoa sem tomar-lhe insensivelmente os costumes; os seus sestros, afigurando-se a principio repugnantes, vão perdendo pouco a pouco a fealdade; apagam-se os recebidos elementos de virtude; fallecem os conselhos avisados, e quando tivessemos ainda bastante força para resistir ao estimulo dos maus exemplos, a falsa vergonha nos deteria; não se ousa fazer o contrario do que o amigo pratica. D'este modo as más companhias nos apartam do dever, e suffocam em nós os germens do bem... »

A phrases tão sensatas juntaremos, que nem sempre convem escolher amigos de superior categoria á nossa. O que se julga ganhar em relação á esphera elevada a que se aspira, perde-se de ordinario fazendo despesas exorbitantes, a fim de aparentar o que se não é realmente. Um amigo em posição superior tem em geral recursos mais abundantes do que aquelles de que se póde dispor. Querendo hobrear com elle, cava-se ás vezes o proprio abysmo, de que será difficil salvar-se honrosamente. Sem cair no excesso opposto, o mais prudente, sendo possivel, é escolher os amigos entre os seus pares.

Em todo o caso, não ambicionem nunca ter entre os companheiros o titulo de *menino bonito*, pelo menos no sentido que lhe dão os operarios, poisque o menino bonito para elles não significa um homem honesto. E, note-se bem, esta qualificação é a miudo conferida aos homens fracos, que um nada seduz, que se deixam facilmente desviar dos seus deveres para comprazerem com os bargantes que preferem a baiuca á officina. Para ser menino bonito aos olhos d'essa gente, cumpre despojar-se dos ultimos reaes e do fato, em proveito da habitual dissolução; importa sacrificar o pão e as occupações ás idéas de independencia exageradas, que consistem em zombar do chefe e do trabalho, enquanto lhes resta um vislumbre de credito na bodega. Entre estes desabusados, que nada edificam, ouve-se todavia invocar incessantemente o *direito ao trabalho*.

Lemos muitos volumes que tratavam d'este pretendido direito e das suas applicações possiveis, e fomos obrigados a reconhecer, em opposição ás nossas idéas anteriores, que o direito de que se tratava era precisamente o antipoda do trabalho; n'outros termos, o direito de ganhar a vida com os braços cruzados, o que seria de certo bellissima cousa, se não fôra absolutamente impraticavel. Acre-

ditem que só a actividade, o saber, a intelligencia e o bom procedimento constituem o direito ao trabalho. Os que possuem realmente aquellas qualidades não precisam reivindicá-lo, porque têm o firme intuito de lidar e preencher tudo quanto lhes incumbe.

Mas voltemos á amisade. Em conclusão : não travem conhecimentos faceis e baseados no interesse do momento ou n'um encontro accidental; applicuem-se a estudar bem o character das pessoas em que desejam empregar o seu affecto, e antes de lhes confiarem o segredo dos seus desgostos e esperanças, observem se são verdadeiramente dignas de guardar um deposito tão precioso. N'esse instante sómente terão a dita de encontrar o que tanto procuram : um verdadeiro amigo !

« O titulo de amigo, diz um auctor de merito (1), deve reservar-se para o amigo; é falta gravissima prodigalisá-lo e servir-se d'elle como de uma formula de simples benevolencia; o que faz suppor que quem tão pouco conhece o valor do termo, não conhece bem o valor do objecto. »

Para encerrar o capitulo, trataremos agora das boas e más leituras. Um profundo pensa-

(1) O. sr. Julio Labaume, na sua obra *Deveres privados sociaes*.

dor disse, com rasão, que um bom livro era um bom amigo. Mas nem sempre é facil discernir os bons livros entre as innumeradas producções do espirito, que miram mais a adular as paixões do povo que a moralisa-lo; é preciso saber dominar-se, e haver certa instrucção para repellir os romances veneficos, quadros de extravagancias mais ou menos verosimeis, que pintam os vicios e defeitos com tão encantadoras apparencias, que é difficil evitar a seducção de desculpa-los. São estes livros a primeira emanação de grandes aberrações, e a perdição da mocidade que se applica á sua leitura. A doutrina e os conhecimentos que n'ella adquire são mais proprios a perverter-lhe o coração do que a esclarecer-lhe o espirito, e nada ha mais deploravel que a indolencia e a apathia em que a engolfam essas distracções perigosas, que não lê, mas devora, e ás quaes sacrifica o que seriamente devia importar-lhe. Infeliz do que deixa enlevar-se pelo fallaz encanto d'essas leituras! Desventuradas sobretudo das meninas que se apaixonam por aquelles heroes romanticos! Por desgraça, o desengano chega tarde, e é sempre á custa da sua honra e do decoro da sua familia que vem a conhecer quanto os heroes da vida real são differentes dos da vida imaginaria!

Não faltam os bons livros. Prefiram as publicações instructivas, agradaveis e moralissimas, destinadas principalmente á educação da juventude. O homem formado, e sobretudo o operario, encontra n'ellas ensino util ao alcance da sua intelligencia e apropriado aos seus puros instinctos e ao seu bom senso. Ao passo que avançar n'esta via, quasi nunca estéril, o seu pensamento e as suas idéas tomarão feliz desenvolvimento; o juizo que fizer sobre as cousas que o rodearem será correcto e sensato; comprehenderá melhor as necessidades da familia e os deveres que tem a cumprir para com ella; apreciará as vantagens da educação, e buscará faculta-la a seus filhos, e imprimirá emfim salutar direcção aos seus negocios. A leitura de um bom livro serena o espirito, suavisa agradavelmente as fadigas e os cuidados da officina, conforta a alma, como balsamo generoso, desenvolve os bons instinctos, e os seus beneficos influxos fazem-se sentir por toda a existencia.

Ha alguns annos que tem progredido a instrucção do povo; a abertura das casas de asylo para as creanças, o estabelecimento de escolas normaes, gremio de educadores instruidos, a disseminação em larga escala de escolas gratuitas de ensino primario, e estabelecimento de cursos publicos para os adul-

tos e para os que adquiriram já alguns conhecimentos— eis-aqui sem duvida consideraveis beneficios; e entre nós acabam de completar-se com a instituição das bibliothecas populares communaes. Frequentando-as seria e assiduamente, adquirirão os operarios o sentimento da sua dignidade para saírem do trilho da rotina. As bibliothecas populares são meios praticos e inconcussos para tornar o povo digno da liberdade, esclarecendo-o, para arranca-lo á miseria, manifestando-lhe que esta provém dos maus costumes, estendendo-lhe a mão para eleva-lo ao nivel das classes mais adiantadas da sociedade.

Não basta aprender a ler, escrever, contar e alguns elementos grammaticaes. Para que este ensino vingue em fructos, importa que aquelles que o receberam possam tornar a achar os fundamentos ou o complemento nos livros, e que os que infelizmente receberam apenas uma instrucção primaria incompleta, a suppram pela leitura de obras serias e instructivas.

Hoje, com a liberdade, os progressos e as amplificações incessantes da industria, as descobertas, os processos novos e continuamente modificados, a instrucção preparatoria da escola primaria está longe de ser sufficiente. O operario precisa adquirir conheci-

mentos especiaes e entregar-se ao estudo particular do ramo a que deseja votar-se; só póde, portanto, obter esta instrucção especial na bibliotheca popular: graças a esta, poderá iniciar-se em todos os segredos da profissão que exerce, e achará mais remunerador o trabalho.

É na instrucção que reside incontestavelmente o melhoramento da sorte do operario, porque amplia a intelligencia e augmenta as forças intellectuaes do homem, exigidas cada vez mais pelas transformações por que passa incessantemente a industria. Estudemos, operarios; mandemos sobretudo instruir nossos filhos, se queremos crear-lhes um melhor futuro; mas, conduzindo-os ás bibliothecas populares, facultando-lhes a instrucção, offertemos-lhes tambem a educação que a fecunda, que lhe realça a importancia, e que lhe previne os desvarios; demos-lhes cedo os costumes da sobriedade, do amor ao trabalho, e formaremos cidadãos uteis e honrados, amigos da ordem e de um discreto e perduravel progresso!

XVI

Dos deveres geraes do operario para com a sua familia
e perante a moral

Examinámos os deveres do operario para com os collegas, os mestres e a patria. Sem contestar a importancia extrema d'estes deveres, não se desconhece que a sua pratica presuppõe um corollario essencial, o cumprimento dos deveres que impõe a familia.

Depois da idéa do Creador, nada mais sagrado no mundo que a familia. Só ella é capaz de inspirar as dedicações admiraveis, a abnegação de si proprio, que deve absolver a humanidade no tribunal de Deus.

Mas para quem souber aprecia-las, quanto são immensas e infinitas as alegrias que comporta este abrigo sempre aberto, onde vem referir-se as esperanças, exprimir-se os regosijos, adormecer as tristezas, descansar da fadiga, retemperar as forças e a coragem; este abrigo abençoado que se chama *o lar domestico!* E quanto é para lastimar o pobre orphão, o filho abandonado, a quem não é dado proferir só meigos nomes de pae, de mãe, de irmão, de irmã, e comprehender os lances de ternura e amor que inspiram!

A amisade é muito affavel, mas quanto

mais affavel não é a familia ! Abre os braços ao recém-nascido, adopta-o, ama-o de algum modo até antes de nascer. Ainda o não vê, e já lhe prepara o enxoval e o berço ; associa-o, pelo pensamento, ás suas alegrias e esperanças e ao seu porvir ; dá-lhe de antemão a parte de estima que ella conquistára. Por pequena que seja a casa ou o quarto que habita, aperta-se para recebe-lo, cede-lhe o melhor logar ; assiste anhelante ao seu natal, supplica a Deus que abençõe a tenra creatura, que vae comtudo ser para ella um incommodo, pesado encargo talvez ; mas sujeitar-se-ha a privações para acolhe-la dignamente ; a prova, a que se submete, soffre-la-ha com a mais sublime resignação. Um novo filho lhe foi concedido ! O seu nascimento traz uma serie de deveres, de sacrificios illimitados e outr'ora desconhecidos ; a ordem e o acerto substituem-se, com opor encanto, á desordem e ao desleixo ; vimos exemplos admiraveis d'esta transformação entre individuos reputados incorrigiveis. Com o filho nascem a coragem, o amor ao trabalho e a previdencia, onde dominam a cobardia, a mandriice e a imprevidencia.

São faceis de expor os preceitos geraes que resumem os deveres do operario para com a sua familia. Basta olhar cada qual para a sua

casa, para conhecer todas as obrigações que ella lhe impõe. O alvo portanto dos seus esforços seja apertar os laços de familia e manter n'ella a harmonia; só d'ella lhe dimanará a tranquillidade de animo, que não ha nada no mundo que possa substituir.

A este alvo tendam todos os esforços do operario. Seu principal, não diremos quasi unico, cuidado, consista em proporcionar á familia a maior ventura e consideração. Para isto compete-lhe :

1.º Ser homem honrado :

Isto é, não dizer nem praticar nada contrario á honra e probidade; ter constantemente em vista, nas diversas relações, a sua consideração pessoal, que reflecte necessariamente na familia. Em qualquer grau da escala social que esteja collocado o operario, colherá sempre excellentes fructos do procedimento virtuoso e honrado. Evitará tambem contrahir dividas, ou, se a extrema necessidade a isso o compellir, apressar-se-ha a satisfazer-las logo que os seus meios lh'o permittam. O proverbio que diz « quem paga as suas dividas, enriquece, » seria um contra-senso, se não se entendesse que o bom pagador avalia por si proprio o preço da previdencia, da ordem e economia, e se enriquece em consideração e estima, que lhe faculta

preencher mais facilmente, pelo trabalho melhor encaminhado, o vacuo que pôde causar a quitação das suas obrigações.

2.º Ser arranjado e laborioso :

Isto é, não frequentar as más companhias que perdem a maioria dos operarios; não ter amisades illicitas; reanimar incessantemente as affeições familiares por um comportamento ao abrigo de todas as censuras; não fazer despezas loucas ou inuteis; pensar sempre no dia seguinte, ou n'outros termos, antes de fazer o que se chama um *extraordinario*, reflectir se não será carissimo um deleite que custa o pão de muitos dias; aproveitar o tempo; ser pontual no trabalho; não de-dignar-se, por orgulho, de ganhar pouco, porque este pouco pôde produzir muito.

3.º Ser affavel e imparcial para com todos os membros da familia :

Isto é, não praticar nenhuma grosseria a respeito de sua mulher e seus filhos; não maltrata-los nem bater-lhes; operar, quanto possivel, pelos meios brandos e pela persuasão; não mostrar preferencia injusta por um ou outro de seus filhos; reprimir logo os vicios que revelarem; puni-los, quando infringjam os seus deveres, com a admoestação, ou, segundo as idades, pela privação das suas distracções; mostrar-se severo pelas suas fal-

tas, logoque tendam a turbar a boa harmonia domestica, sejam de pessimo exemplo e denotem malvadez; reprehende-los, pelo contrario, com indulgencia, quando derivam de inexperiencia, da falta de discernimento sufficiente para apreciar-lhes as consequencias; dar sempre bom exemplo para manter a auctoridade e adquirir o direito de ser severo e obedecido quando convem.

Estes principios parecem banalidades; constituem, porém, a felicidade da familia, e por este titulo bastante se recommendam.

Como complemento d'esta exposição summaria dos deveres geraes para com a familia, juntaremos os que incumbem particularmente aos esposos. Estes deveres estão claramente difinidos pelo codigo civil, que é o codigo moral por excellencia. A este respeito diz elle:

1.º Que os esposos se devem mutua fidelidade, soccorro e assistencia;

2.º Que o marido deve protecção a sua mulher, e a mulher obediencia a seu marido;

3.º Que a mulher é obrigada a cohabitar com seu marido e segui-lo aonde elle julgar conveniente residir; e, como corollario, que o marido deve recebe-la e fornecer-lhe tudo o necessario á vida, segundo as suas faculdades e o seu estado;

4.º Que os esposos contrahem ambos, pelo facto do casamento, a obrigação de nutrirem, manterem e educarem seus filhos ;

5.º Que os genros e as noras devem alimentos a seu sogro e sogra...

Que serie de deveres, de sãs prescripções n'estas breves linhas, tão simples todavia! Comprehenderão bem toda a sua importancia ?

Pelo que respeita á fidelidade, os primeiros effeitos da sua estricta observancia são a cousa mais preciosa que ha no mundo: a paz do coração e a da casa, que ajudam a soffrer pacientemente e até a sobrepujar as calamidades que podem attingir o homem na associação com a sua companheira natural. Não resume elle a maior dita que o individuo alcança na terra? E os effeitos ordinarios da infracção d'este santo dever não são converter o lar domestico em verdadeiro inferno, tornando a existencia commum um martyrio continuado? As queixas e as censuras quotidianas; as infindas questiunculas que resultam da falta de fidelidade, não são, ainda assim, as menores consequencias de tudo. Os esposos podem perdoar reciprocamente muitas faltas; mas a profanação do laço conjugal é quasi sempre irreparavel.

Estipulando que o marido deve soccorro e

protecção a sua mulher, a lei entendeu que o primeiro dever do homem é proteger a companheira nos casos em que a vida, a honra, a reputação, o repouso ou os interesses d'ella podem ser ameaçados de alguma maneira, seja por quem for, ainda com risco da propria existencia. Prescrevendo, de outro lado, á mulher a obediencia a seu marido, a lei lhe ordena que subordine a sua vontade á do conjuge, não praticando nada que exerça influencia sobre a condição ou o futuro da communitade sem consulta-lo, conduzir-se em conformidade com os seus desejos nos casos, em que não impliquem acção ruim, proceder antes pelo conselho do que pela ordem, não rebaixar o esposo aos olhos de ninguem, ainda que mereça justas exprobrações; occultar emfim as suas faltas, quando as haja, em vez de divulga-las.

Pelo que respeita á obrigação que contraem os esposos de nutrirem, manterem e educarem os filhos, essa obrigação, não menos sagrada, comprehende tanto a parte material como a moral. N'outros termos, incumbe aos consortes diligenciarem que os filhos recebam o pão do espirito e do corpo, tão indispensaveis para os fazer homens. O seu rigoroso dever a este respeito, e do qual se não hão de desviar, é reunirem força e

vontade para encaminhar e manter na senda da virtude os seres que Deus confiou á sua solícitude. Para cumprirem convenientemente essa missão, devem :

1.º Prégar com o exemplo, n'outras palavras, observar-se e conter-se diante dos filhos, não trocando expressões grosseiras ou indecentes, não os embrutecendo, desempenhando-se com acerto dos encargos que o seu estado lhes impõe, praticando regularmente os preceitos religiosos, abstendo-se emfim das acções contrarias á honestidade e aos bons costumes.

2.º Reprimir os vícios dos filhos logoque se manifestem, fazendo-lhes entrever as consequências das suas faltas, reprehendendo-os sem dureza, proporcionando o castigo á gravidade da culpa, punindo-os, como já dissemos, com a privação das distracções, ou com o augmento de algum serviço, mas nunca com a subtracção dos alimentos, e raramente com as penas corporaes, que não fazem, a maior parte das vezes, senão embrutece-los sem melhora-los; considerando emfim os efeitos da correcção que infligem.

3.º Animar-lhes os bons sentimentos e a applicação ao trabalho pelo attractivo de pequenas recompensas proporcionadas á intelligencia que revelarem, aos serviços pres-

tados ou á applicação que desenvolverem ; n'este sentido cumpre-lhes aproveitar todos os ensejos para demonstrar as vantagens da virtude sobre o vicio e da assiduidade sobre a mandriice.

4.º Exercer constante vigilancia sobre os seus actos, obrigando-os a miudo a dizer em que empregaram o tempo; esta vigilancia regula-se segundo a idade, o sexo e grau de confiança que os seus actos inspiram, e torna-se mais activa quando frequentam a escola e nos primeiros tempos do apprendizado.

5.º Excitar a sua emulação, demonstrando-lhes repetidamente as incontestaveis vantagens do trabalho sobre a ociosidade, estabelecendo frequentes parallellos entre o filho laborioso e o mandraço, exhortando-os a não desanimarem, se virem outros meninos adiantarem-se, mas a fazerem esforços em iguala-los por uma attenção aturada, e completa dedicação ás suas obrigações, pela obediencia aos conselhos de seus paes e mestres; fazer sobretudo convergir as suas aptidões para um fim verdadeiramente util, attendendo á posição que occupam na sociedade.

6.º Combater-lhes as inclinações para o egoismo, patenteando-lhes quanto é contrario ao verdadeiro espirito de Deus, á indole do

operario e á sua missão sobre a terra; que elle seria a mais miseravel das creaturas, se se entregasse ao isolamento e aos proprios recursos; que o primeiro e essencial preceito do homem civilisado, depois da adoração do Ente Supremo, é amar e auxiliar o proximo em todas as vicissitudes, sem causar notavel prejuizo á sua familia.

7.º Abster-se, repetimos, de mostrar preferencia por um ou outro filho, porque a manifestação d'essa preferencia, embora justificada por qualidades reaes, motiva quasi sempre inimidades que propendem a dividir e desmoralisar a familia.

8.º Cuidar a final em que os filhos cumpram fielmente os preceitos moraes, e indicar-lhes a necessidade de observar os da religião.

Um homem eminente que se occupou profundamente do aperfeiçoamento moral das classes laboriosas, o barão de Gerando, escreveu sobre este assumpto uma bella pagina muito interessante :

« A religião, diz elle, é a primeira de todas as necessidades; tem recursos especiaes para todas as urgencias, uma utilidade relativa para cada situação da vida; é precisa ao poderoso, para preserva-lo do orgulho; ao rico, para ensinar-lhe a moderação, como ao indigente, para ampara-lo contra o abati-

mento e livra-lo do desespero. Quaes são as lagrimas que ella não enxugue, os soffrimentos para que não tenha balsamo, os sacrificios que não facilite e amenise? A religião é a consoladora do pobre, a companheira do que suspira; protege a viuva e o orphão; prepara um futuro de felicidade até ao que perdeu a esperança.

« A religião tem um maravilhoso poder para alcançar o intuito tão difficil e desejavel para o repouso da sociedade e a ventura individual, que consiste em que cada um viva satisfeito da sua condição; desthrona o cego acaso e a inexoravel fatalidade. Os limites, que estabelece entre as diversas classes da sociedade a differença das categorias, fortunas e profissões, cessam, sob o influxo da religião, de ser uma barreira divisoria entre os corações; a discussão dos interesses abre caminho á troca das disposições beneficicas; desaparece a hostilidade, previnem-se as dissensões: já não é apenas a paz duradoura que se estabeleceu entre o rico e o pobre, é a verdadeira fraternidade e a affeição sincera que vem liga-los. O rico e o pobre prostram-se no mesmo templo, adoram o mesmo Deus, collocados ao lado um do outro; todos os homens já formam uma só familia. Eis o que nos ensina a sã philoso-

phia, a historia dos seculos e o conhecimento profundo do coração humano. Poderão algumas almas aridas não conhecer o preço da religião; vós, porém, situados no centro das mais serias realidades da vida, tendes a experiencia que vos confirmará logo estas verdades fundamentaes. »

Dissemos que os genros e as noras devem alimentos aos sogros e ás sogras. Esta obrigação, talvez a menos comprehendida, é comtudo naturalissima. O homem, associando-se á mulher, e esta ligando-se-lhe pelos laços do casamento, confundem ambas as familias. Desde logo as obrigações de uma das partes para com os seus parentes por alliança tornam-se necessariamente as obrigações da outra, e os genros e os noras seriam tão culpados em recusar aos sogros e sogras os meios indispensaveis para a sua subsistencia, como se houveram de recusa-los a seus proprios paes.

Quanto aos deveres dos filhos para com seus paes, duas palavras os resumem : *obediencia e reconhecimento* para com aquelles que lhes deram o ser, que se sacrificaram para educa-los e instrui-los, encargos travados de lutas, de labores penosos e incessantes desvelos! Recordando-se com frequencia d'estes dois preceitos, e pondo-os sempre em pra-

tica, os filhos não faltarão nunca á mais santa das virtudes : a piedade filial!

XVII

Algumas considerações sobre a economia

Para bem terminar estes conselhos, julgamos opportuno expor alguns dos principios economicos mais usuaes para o operario.

A sua base essencial consiste em gastar menos do que se ganha ; é n'esta formula singela, e todavia tão pouco observada, que se encontra o segredo da economia, e, em seguida, do bem estar.

As doenças; a escassez do trabalho, a carestia das subsistencias e a multiplicação dos filhos vem de certo e frequentemente destruir os calculos e neutralisar os esforços do operario, para equilibrar os magros recursos do seu orçamento com as despesas indispensaveis. Mas, até certo ponto, não póde elle prever esses acontecimentos, assás communs? E admittir a sua possibilidade não será augmentar a necessidade de buscar preveni-los e minorar os seus funestos effeitos?

Ganhaes pouco para viver, dizeis vós ; é

mais uma razão para procurardes tirar a maior vantagem dos minimos recursos. A posição nem sempre é boa, de accordo; mas, na realidade, quem está contente com a sua sorte? O aprendiz quizera ser official, o official, contramestre, o contramestre, mestre, e e assim por diante. O operario que ganha um franco (180 réis) por dia, julgar-se-ia feliz se ganhasse dois francos. O goso desperta o desejo de um goso ainda maior. É natural este sentimento; quem mais tem, mais deseja.

O trabalho do operario proporciona, supponhamos, um salario de tres francos (540 réis) por dia util; considera-o insufficiente e admira-se como outros que têm os mesmos encargos que elle, e que todavia só ganham dois francos (360 réis), provêem ás necessidades da vida com tão minguido vencimento; estes não comprehendem, a seu turno, como o seu vizinho póde manter-se a semana inteira com um salario menor ainda; e comtudo, ora bem ora mal, attingem quasi os mesmos resultados; porque emfim, apesar de tudo, caminha-se sempre com os proprios meios. Quanto mais se ganha, tanto mais se gasta. Comparem dois operarios igualmente honrados e sobrios, tendo incumbencias analogas, um ganhando tres francos e outro dois; ha quasi a certeza que tanto um como o outro

chegarão ao fim do anno sem possuir um centimo a mais do que tinham quando começaram.

A que deve attribuir-se esta circumstancia, que não é um accidente, um facto isolado, mas que apresenta um caracter geral? Ao não contarem com o dia de amanhã.

Este descuido, dir-se-ha, é, a final de contas, tão excellente cousa! A existencia do obreiro é tão miseravel, que se julga feliz com o esquecimento de um futuro que não se apresenta ao seu pensamento senão sob as cores mais sombrias. Mas quanto as consequencias d'este olvido não são crueis, quando o infortunio vem flagella-lo! Quanto não deve arrepende-se então, por não haver pensado do dia seguinte!

Na habitação do artista, a economia depende sobretudo da mulher: é ella a alma do lar domestico, é a ella que pertence mais particularmente o cuidado de contar com o dia de amanhã; o regular a despeza com a receita; a manutenção, de portas a dentro, da ordem, sem a qual não ha economia possível; e por ordem não entendemos só a abstenção de despesas inuteis, senão também o arranjo, o asseio da casa, da sua pessoa e dos seus filhos, condições que têm tão grande poder para reter o marido em casa nas horas

do descanso, as quaes muitos outros vão passar na bodega. Faltando estas qualidades na consorte, debalde multiplicará o obreiro os seus esforços e lidas; tanto adiantaria n'um dia como no outro, ganhasse embora elevadissimo salario. Pelo contrario, se a desgraça o assaltar, se a doença, um desastre ou a mingoa do trabalho vierem visita-lo, será tanto mais desditoso, quanto houver vivido até então sem aninho e solitudine.

Tende, portanto, toda a prudencia na escolha da vossa companheira. Não a prefiraes pela riqueza, mas que seja honesta, diligente e poupada. Estes dotes são indispensaveis para assegurar o socego domestico e prevenir os transtornos inevitaveis aos que vivem só do seu braço e sem ganho certo.

Ainda que a feria ou os vencimentos sejam limitados, regulem por elles rigorosamente a despeza; evitem as dividas e compras a credito para satisfazerem no fim da semana. Pagar por pagar, vale mais estar isento de debitos, e ir prover-se onde, em melhores condições, se encontre o que necessitâmos. Comprar a credito semanal, como a maioria dos operarios, é sujeitar-se á discricão do vendedor, que parece estar dando uma esmola, e pagar ordinariamente o duplo do que vale a mercadoria fiada. Bom ou mau, hão de lá

comprar tudo, e posto que saibam que engana na quantidade e qualidade dos mantimentos, não ousam reclamar, com o receio de que não continue a fiar-lhes. É pessima sujeição, e, encetado o caminho, torna-se difficilissimo sair d'elle ! Todavia, havendo previdencia e bom governo, os obstaculos desapparecem, sobretudo nas epochas regulares. Trata-se sómente de constituir um adiantamento de oito a quinze dias. Cincoenta centimos (90 réis) de economia cada semana hão de realisar, ao cabo de tres a seis mezes, o que o costume faria considerar como problema insolvel.

A economia, entre operarios, não consiste só na parcimonia propriamente dita, mas tambem na maneira de administrar a casa, na escolha da residencia, dos moveis, do vestuario, na sua conservação e no seu concerto em tempo opportuno. Com rasão se diz que concertar logo o objecto, que começa a deteriorar-se, é prolongar-lhe os serviços e duração, e, por consequencia, evitar occasiões de despesas frequentes. Ha pois grande vantagem economica em saber a proposito tornar a collar o papel da parede que se solta ou rasgue, grudar algum pedaço de madeira, de entalhe ou emmoldurado que se separe ou quebre, repor um parafuso ou prego que

falte, concertar um movel ou utensilio que começa a arruinar-se, e substituir-lhe a peça destruida pela antiguidade ou pelo desastre. Estes diversos pontos incumbem especialmente ao chefe da familia.

A sua companheira compete a conservação e concerto da roupa e do fato. Uma habilidosa mãe de familia deve saber cortar os seus vestidos e o de seus filhos, e cuidar em admittir os trabalhos de agulha na educação de suas filhas.

Recordem-se portanto que estes milhares de ninharias, cujos pormenores talvez descubram por vezes, proporcionam a verdadeira economia e constituem até certa commodidade na morada do obreiro. Appliquem-se a pô-las em pratica, perseverem n'este designio cordato e irrefragavelmente fecundo. Os seus bons resultados não tardarão sem duvida a fazer-se sentir, e cada dia lhes provará que a ordem e a economia são as principaes garantias da tranquillidade interna e externa, bem como estabelecem o solido fundamento de felicidade para o operario.



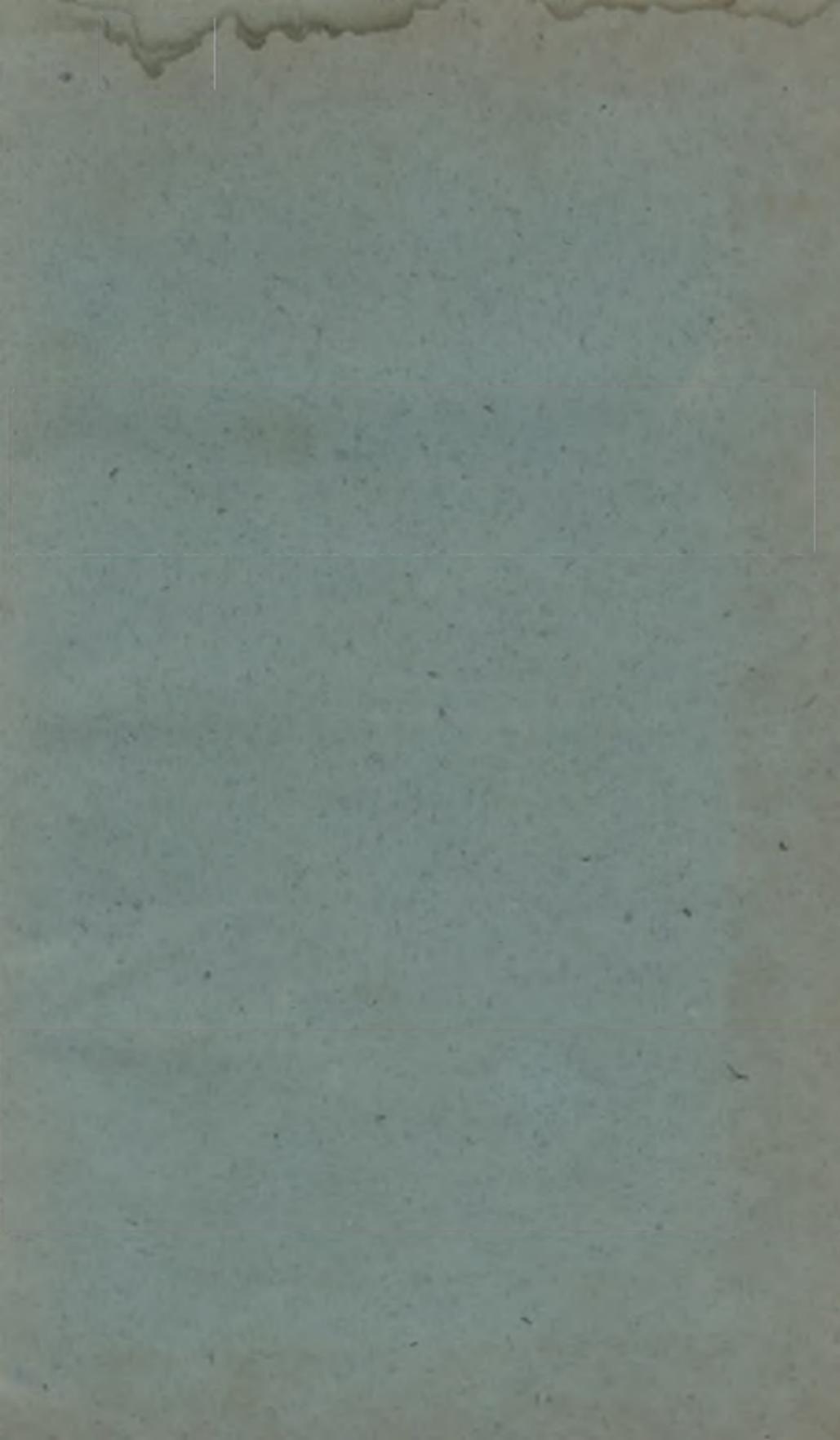
“MORTE CIÊNCIA VIVO”
FENILLO DE CARVALHO

INDICE

Prologo do auctor	7
I. Do trabalho, da sua utilidade e importancia	15
II. Da escolha de profissao	23
III. Da escolha de officina	30
IV. Da entrada e do comportamento na officina	39
V. Dos direitos e deveres do operario	54
VI. Do emprego do tempo na officina	66
VII. Dos intervallos de descanso durante o trabalho, do repouso do domingo e da ociosidade da segunda feira	74
VIII. Dos salarios e da sua manutencao	85
IX. Da hygiene e do asseio da officina	88
X. Das prevencoes contra as machinas.	101
XI. Das associacoes, das suas vantagens e incon- venientes	109
XII. Da previdencia e das associacoes de soccorro mutuo	118
XIII. Da igualdade das condicoes sociaes	122
XIV. Do jogo, da intemperanca, da devassidao e das suas consequencias	137
XV. Das mas relacoes e das leituras nocivas; da instrucao e das bibliothecas populares	146
XVI. Dos deveres geraes do operario para com a sua familia e perante a moral	158
XVII. Algumas consideracoes sobre a economia	

Caetano









RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329643526

